

Agradecimentos

Ao Senhor Professor Doutor Paulo Osório, meu supervisor, agradeço os seus conselhos e o seu apoio não só durante este ano, mas ao longo dos cinco anos em que frequentei a Universidade da Beira Interior.

Ao Senhor Professor Francisco Fidalgo pelos seus conselhos quanto à vertente científica.

À Dra. Maria Celeste Alves, minha orientadora de Português, que durante este ano tanto me apoiou, mostrando-me sempre o melhor caminho a seguir e incentivando-me para chegar mais longe.

À Dra. Sandra Espírito Santo, minha orientadora de Espanhol, por todos os conselhos e ensinamentos transmitidos que, certamente, me servirão de base para a minha vida de docente.

Às minhas colegas de estágio, Ana, Cátia e Susana, que me acompanharam nesta fase de trabalho e progressão, muito obrigada e coragem para seguir em frente.

Aos meus colegas e amigos, pelas palavras de incentivo e amizade.

Aos meus pais pelo apoio ao longo tantos anos, pela força e coragem que sempre me inculcaram.

Aos meus avós maternos pela sua amizade e presença inquestionáveis.

À minha irmã, Lúcia, pela paciência e amizade demonstradas.

Por último, ao José António pelos conselhos, carinho, confiança, disponibilidade e encorajamento que ao longo deste percurso sempre me transmitiu.

Introdução

“Os manuais são, no estado actual das coisas, uma necessidade: base de referência para o aluno, utensílio de investigação comum entre o professor e a turma, objecto de um percurso progressivo e traço perceptível deste percurso, o manual oferece uma segurança e um princípio de coerência que seria inútil procurar minimizar...” (José Rafael Tormenta) (1996: 9)

A citação em epígrafe remete-nos para o carácter imprescindível que as editoras, as escolas e os Encarregados de Educação, entre outros, conferem ao manual. Este utensílio de trabalho parece ter-se enraizado na nossa sociedade e não mais querer partir. Todas as suas vantagens conquistaram o universo académico, pois ele permite a união entre o professor e o aluno, unifica o sistema de aprendizagem, e certifica a confiança e segurança do professor, entre todo um universo de benefícios inquestionáveis pela maioria do mundo escolar. Conquanto, cabe-nos a nós, professores, questionar essas vantagens e procurar alternativas à regra que superem esses mesmos benefícios trazidos pelos manuais, pois será melhor professor aquele que simplesmente se baseia num livro escrito por outrem para, assim, oferecer as suas aulas? Esta é uma questão actual que persiste e se procura contestar. No entanto, haverá, por certo, excelentes materiais nestes guias que permitem ao aluno aprender do melhor modo possível. É na qualidade dos manuais e na forma como são analisadas certas temáticas que pretendemos focar-nos ao longo desta dissertação. Isto é, analisaremos a forma como o ensino do Pretérito Perfeito Simple e Composto é exposto nos manuais de Língua Portuguesa aos alunos de Língua Materna e o modo como o ensino do *Pretérito Perfecto Simple* e *Pretérito Perfecto Compuesto* é transmitido aos estudantes nativos de Espanhol. Acima de tudo, o nosso objectivo focar-se-á na análise de semelhanças e diferenças na morfologia e usos destes tempos verbais em ambas as línguas. Deste modo, procuraremos responder a algumas questões que consideramos imprescindíveis à compreensão dos usos dos Pretéritos Perfeito Simple e Composto e dos *Pretéritos Perfecto Simple* e *Compuesto*. Entre elas, tentaremos compreender a forma como a conjugação verbal dos tempos do Pretérito a analisar nesta dissertação é exposta nos manuais de Espanhol Língua Materna e de Português Língua Materna. Recorrerão os autores espanhóis e os autores portugueses aos mesmos métodos de análise e exposição? De que forma se diferenciarão os tempos simples e os tempos compostos em cada um dos manuais? Serão o Pretérito Perfeito Simple e o Pretérito Perfeito

Composto usados com a mesma frequência em português e castelhano? Existirá uma razão nas raízes da Língua Portuguesa e da Língua Espanhola que justifique o recurso a estes Pretéritos? Será o Latim uma influência no Castelhana e no Português no que diz respeito ao Pretérito Perfeito? De que forma é feita e explicada a divisão entre o *Pretérito Perfecto Compuesto* e o *Pretérito Indefinido* em manuais de língua materna? Será feita essa separação? Para responder a todas estas questões e, certamente, a outras que surgirão ao longo deste trabalho propusemo-nos, então, a analisar a oposição entre os tempos do passado em Português e Castelhana, a observar a exposição dos tempos já referidos nos manuais de Língua Materna e, também, a apresentar e comentar alguns materiais referentes a esta temática.

Em primeiro lugar, parece-nos fundamental a explicação dos conceitos de Língua Materna e Língua Estrangeira. No que concerne à designação de Língua Materna poder-se-á dizer que consiste na língua com a qual a criança contacta em primeiro lugar, desde o nosso ponto de vista, chamar-lhe-íamos a língua de berço. A Língua Materna é a língua nativa de cada indivíduo e cujos conceitos básicos vão sendo apreendidos ao longo da sua infância. Ao contrário do que sucede com uma Língua Estrangeira, o sujeito na Língua Materna usufrui de intuições linguísticas tanto quanto à forma como quanto ao conteúdo. Um indivíduo que, desde criança, tenha contacto com duas línguas, por exemplo, uma no seio familiar e a outra “na rua”, poder-se-á afirmar que tem duas Línguas Maternas e dar-se-ia, então, uma questão de bilinguismo. No entanto, para alguns autores Língua Materna só pode ser considerada aquela que é adquirida no meio familiar, na infância. A enunciação “Língua Materna” provém da ideia de que a mãe é a única responsável pela educação dos filhos na primeira infância, daí que a língua da mãe fosse a primeira a ser absorvida pelo infante. Alguns autores acreditam existir três níveis na identificação da Língua Materna: o primeiro nível é o afectivo, ou seja, a língua de pelo menos um dos progenitores; o segundo nível é o ideológico, isto é, a língua do país onde se nasceu e onde provavelmente se vive; e, por último, o nível de autodesigação, ou seja, o idioma pelo qual o utilizador da língua expressa sentimentos de posse. A Língua Materna é, também, de primordial importância na medida em que serve de ponto de partida para aprender qualquer outra língua, seja ela Língua Segunda ou Língua Estrangeira, pois ela será sempre o ponto de referência ou comparação. O conceito de Língua Estrangeira foi e continua a ser explorado por vários autores. Consideramos que Língua Estrangeira é uma língua adquirida em contexto de sala de aula e que, por esse motivo, se revela desconhecida aos olhos do

aprendente quer no domínio linguístico quer no domínio cultural. Uma vez que a Língua Estrangeira é uma língua de outro país, será necessária uma instrução formal, assim como, o recurso a todo o tipo de materiais que compensem a ausência do contexto de imersão linguística. Deste modo, a forma como se aprende uma Língua Estrangeira distingue-a cada vez mais de uma Língua Materna. Apesar das diferentes concepções de Língua Estrangeira, esta será sempre uma língua diferente da usada na sociedade onde o falante se encontra inserido.

Em segundo lugar, é importante referir que optámos por escolher dois manuais de Língua Materna para que os conteúdos a analisar pudessem ser proporcionais, pois acreditamos que a forma utilizada para desenvolver e explicar o Pretérito Perfeito a estudantes de Língua Segunda e de Língua Estrangeira é distinto, o que para estudantes de Língua Materna será um dado quase adquirido, para um estudante de Língua Estrangeira não o é, pois, para um aluno de Língua Estrangeira seria necessário explicar os usos e a construção da forma verbal de modo mais pormenorizado. Assim, desta maneira, parece-nos importante ressaltar a nossa opção em escolher o manual de Língua Materna *Plural*, de 7.º ano (2009) (material de referência para a Língua Portuguesa), e o manual de Língua Materna *Lengua castellana y Literatura* (2007) da ESO (Enseñanza Secundaria Obligatoria) (material de referência para o Castelhana). Além destes materiais, na terceira parte da nossa dissertação, utilizaremos outros materiais por nós construídos e analisados.

Para a concretização da nossa dissertação investigámos, em primeiro lugar, vários manuais de Língua Materna, tanto Portuguesa como Castelhana, de forma a compreender se o sistema de exposição da matéria é idêntico entre cada uma das Línguas Maternas. Paralelamente à pesquisa destes manuais, observámos a exposição das mesmas matérias em manuais de Língua Estrangeira, com o intuito de observar possíveis diferenças. Em consequente, procurámos encontrar obras de apoio que nos pudessem ser úteis na compreensão do uso dos Pretéritos nas duas línguas, Português e Castelhana. Ainda nesta medida, pesquisámos possíveis textos e artigos que tivessem já sido escritos sobre o tema ou com ele relacionado. Em seguida, recorreremos também a material mais técnico como o *Dicionário da Porto Editora* (2002), *Dicionário de Sinónimos* (1997), a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2002) de Celso Cunha e Lindley Cintra, a *Gramática da Língua Portuguesa Revista e Aumentada* (1989) de Maria Helena Mira Mateus, a *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (2000) e o *Diccionario Salamanca de la Lengua Española* (2002), assim como outro

material que com o decorrer do trabalho nos suscite o interesse e a necessidade de consulta.

Tendo por base a sucessão de materiais acima referidos, o passo subsequente foi traçar uma disposição de partes. Assim, a dissertação estará disposta em três partes. Na primeira parte, elaboraremos uma análise dos vários tempos do passado em Português e em Castelhana, recorrendo, também, a um plano comparativista e contrastivo entre as duas línguas. No entanto, nesta primeira parte, a nossa atenção focar-se-á, essencialmente no estudo e análise dos Pretéritos Perfeito Simples e Composto e nos *Pretéritos Perfecto Simple* e *Compuesto*. Nesta medida, teremos como objectivo destacar as principais diferenças entre os passados referidos, assim como as suas semelhanças. Para a elaboração desta primeira parte, deteremos como materiais capitais a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra, a *Gramática Descriptiva de la Lengua Española, A Expressão do Tempo e do Aspecto. Ensino do Português, Língua Materna*, de Maria Helena Ançã (1990), a *Gramática da Língua Portuguesa*, de Mário Vilela (1999), *Engramática Ejercicios de Español* (2009), entre outros. Na segunda parte, analisaremos a exposição dos Pretéritos Perfeito Simples e Composto (no manual de Língua Materna Portuguesa) e dos *Pretéritos Perfecto Simple* e *Compuesto* (no manual de Língua Materna Castelhana). Neste ponto, observaremos as metodologias utilizadas na elaboração dos manuais, confrontando o manual português e o manual castelhano. Na terceira parte deste trabalho, analisaremos alguns materiais por nós realizados e utilizados no nosso ano de estágio referentes a este tema e, além disso, elaboraremos uma caracterização da escola onde desenvolvemos o nosso estágio, assim como uma descrição das turmas onde pudemos leccionar e enumeraremos alguns aspectos primordiais que nos acompanharam ao longo do nosso estágio na Escola Secundária Campos Melo.

Para finalizar, procuraremos responder às questões por nós propostas relativamente aos tempos do passado a analisar nesta dissertação, assim como procuraremos tirar algumas conclusões do trabalho desenvolvido nos manuais de Língua Materna Portuguesa e Castelhana no que diz respeito à temática dos Pretéritos Perfeito Simples e Composto.

Parte I

Os Tempos do Passado em Português e Castelhana: Oposição Precisa entre o Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Perfeito Composto em Ambas as Línguas

O verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo (Celso Cunha e Lindley Cintra) (2002: 377). Sendo desta forma variável, poder-se-á observar a sua alternância em número, pessoa, modo, tempo, aspecto e voz. Este é um facto que se verifica tanto na Língua Portuguesa como na Castelhana. Vejamos, que ambas têm uma origem latina cujas variações se observavam não só nos verbos, como também nos substantivos. Ainda que na contemporaneidade, se verifique a flexão de número e género nos substantivos, na nossa *língua-mãe*, o Latim, essa variação verificava-se mais exaustiva com o recurso às declinações. No que diz respeito à alternância verbal, esta era já bastante minuciosa no Latim, assim como o é na língua de Camões e na língua de Cervantes.

Tanto em Português como em Espanhol¹, a variação verbal faz-se nos aspectos acima referidos (número, pessoa, modo, tempo, aspecto e voz). Contudo, a primeira divisão a ser verificada diz respeito ao Modo. Os modos são considerados “as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao facto que enuncia” (Celso Cunha e Lindley Cintra) (2002: 378). Em Português, segundo a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, existem três modos, o Indicativo, o Conjuntivo e o Imperativo. Relativamente ao Condicional, este é considerado por alguns um modo, por outros, e esta foi a opção feita por Celso Cunha e Lindley Cintra, julgando ser a mais acertada, é considerado um tempo verbal do Futuro do Indicativo que se intitula Futuro do Pretérito. Esta é também a opção feita no Português do Brasil. Além dos modos verbais referidos, existem três formas nominais do verbo, o Infinitivo, o Gerúndio e o Particípio. Estas três formas nominais do verbo também existem em Castelhanho. No que concerne aos modos verbais em Castelhanho, deparamo-nos com os mesmos que em Português, ou seja, o Indicativo, o Conjuntivo e o Imperativo. Não obstante, em Castelhanho, segundo a *Gramática Descritiva de la Lengua Española*, deverá haver uma ordem específica na organização dos tempos verbais. Esta ordem diferencia o modo Imperativo dos outros modos, pois “existe una invariante de significado que llamamos ‘imperativo’ asociada a una invariante de significante” (2000: 3215). A gramática espanhola aceita ainda a distinção entre modo *Indicativo* y *Subjuntivo*.

¹ Quando designamos Espanhol/Língua Espanhola, pretendemos referir-nos ao Castelhanho, ainda que o Espanhol seja a reunião de todas as quatro línguas (Castelhanho, Catalão, Basco e Galego) existentes no nosso território vizinho.

A segunda variação verificada nos verbos portugueses e castelhanos é a distinção em Tempo, sendo esta, segundo a nossa opinião a mais importante. A explicação mais pormenorizada de Tempo poderá encontrar-se no próximo capítulo desta dissertação. No entanto, é possível distinguir três tempos naturais que são “o Presente, o Pretérito (ou passado) e o Futuro, que designam respectivamente, um facto ocorrido *no momento em que se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala.*” (2002: 379)

Relativamente ao Número, o verbo aceita o número singular e o número plural, tanto em Português como em Castelhana. As três primeiras Pessoas pertencem ao singular e as três últimas pertencem ao plural. Assim, temos três pessoas do singular e três pessoas do plural. A primeira pessoa do singular em Português é “eu”, em Espanhol, “yo”; a segunda pessoa do singular em Português é “tu”, em Espanhol, “tú”; as terceiras pessoas do singular, em Português são “ele, ela” (existe nesta pessoa uma variação de género), em Espanhol, “él, ella, usted” (em Espanhol encontramos o pronome pessoal “usted” que não tem um correspondente em Português, pelo menos não tão usual como acontece na Língua Castelhana); a primeira pessoa do plural em Português é “nós”, em Espanhol “nosotros”; a segunda pessoa do plural em Português é “vós”, em Espanhol, “vosotros”; as terceiras pessoas do plural em Português são “eles, elas” e, em Espanhol, “ellos, ellas, ustedes”.

Em relação ao Aspecto, este “designa ‘uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a acção expressa pelo verbo’. Pode ele considerá-la como *concluída*, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como *não concluída*, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição.” (Celso Cunha e Lindley Cintra) (2002: 380). Assim, verificamos as formas perfeitas de um lado e as imperfeitas do outro.

No que se refere à Voz, existem três tipos: a voz activa (o facto é praticado pelo sujeito), a voz passiva (o facto é sofrido pelo sujeito) e a voz reflexiva (o facto é praticado e sofrido pelo sujeito).

Uma vez compreendida a organização verbal feita na língua portuguesa e castelhana, vejamos, agora, o que acontece com os tempos do passado, ou Pretérito, como anteriormente foi referido.

Capítulo 1

Tempo Verbal

Segundo a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, o “Tempo é a variação que indica o momento em que se dá o facto expresso pelo verbo” (2002: 379). O momento em que se dá determinado facto pode ocorrer segundo três tempos naturais, sendo eles o Presente, o Pretérito e o Futuro. O Presente diz respeito ao momento em que se fala, o Pretérito, que pode também ser intitulado de Passado, refere-se ao momento antes daquele que se fala e, por último, o Futuro diz respeito ao momento depois daquele em que se fala. No entanto, na perspectiva da *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, ainda que em muitos aspectos esta designação seja coincidente, existem questões que se sobrepõem, remontando uma grande parte delas à gramática clássica. A gramática da “Real Academia Española” começa por destacar a importância da definição que os seres humanos atribuem a Tempo e a ambiguidade que daí pode surgir. Deste modo, para clarificar esta questão, Benveniste (1965) distinguiu entre Tempo Físico, Tempo Cronológico e Tempo Linguístico. O Tempo Físico mostra-se exterior ao homem e alcança a sua correspondência no ser humano com o Tempo Psíquico, o qual consiste na concepção que cada ser humano tem do tempo que o rodeia, podendo transmitir-lhe, em determinada situação, que passa mais depressa e, noutro contexto, que demora mais tempo a passar. A sucessão do Tempo Físico ou a sensação dessa passagem transmite-se na relação entre os acontecimentos, segundo Benveniste (1965). Por outro lado, este autor considera o Tempo Cronológico o tempo dos acontecimentos, de forma a poderem ser estabelecidas relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade, ou seja, o tempo do calendário. As três características do Tempo Cronológico são o estabelecimento do ponto zero, a situação com respeito a esse ponto e a medida da distância temporal (Ignacio Bosque e Violeta Demonte) (2000: 2873). É neste ponto que podemos relacionar a definição de Tempo desenvolvida por Celso Cunha e Lindley Cintra com a conceitualização de Ignacio Bosque e Violeta Demonte. Desta analogia, compreendemos que à definição de Tempo dada pela *Nova Gramática do Português Contemporâneo* corresponde o conceito de Tempo Cronológico, segundo os autores da *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Por último, o Tempo Linguístico baseia-se no Tempo Cronológico, mas o seu ponto zero não é estático como acontece no tempo linguístico, mas sim móvel, concretizando-se,

assim, cada acto linguístico no seu próprio centro de referência temporal, podendo também exercer correspondências de anterioridade, simultaneidade e posteridade.

Em suma, ambas as gramáticas referidas (uma portuguesa e a outra espanhola) e, conseqüentemente, ambas as línguas, o Português e o Castelhana, coincidem na tese de que existe um Pretérito, um Presente, e um Futuro. Deste modo, será necessário haver um verbo que varie em três formas para, assim, poder estabelecer relações de anterioridade, simultaneidade e posteridade. O Presente é indivisível, mas, por outro lado, o Pretérito e o Futuro subdividem-se, tanto no modo Indicativo como no modo Conjuntivo. Será nestas divisões que nos centraremos e analisaremos nos próximos capítulos.

1.1. Tempos Simples

1.1.1. Tempos Simples em Português

Os tempos simples em Português são constituídos por vários elementos que se reúnem numa só palavra. Tomemos como exemplo o verbo “comer”. O primeiro elemento é o radical. No caso do verbo referenciado, seria *com-*. Ao radical, acrescentamos a vogal temática. A vogal temática está dependente da conjugação a que pertence cada verbo. Se o verbo pertencer à primeira conjugação (-AR), então a vogal temática será *-a*. A vogal temática da segunda conjugação (-ER) é *-e*. Assim, a vogal temática do verbo “comer” será *-e* (*come-*). E, por último, a vogal temática da terceira conjugação (-IR), *-i*. Após o radical e a vogal temática, aparece o sufixo temporal, o qual permite indicar o tempo e o modo em que está o verbo. Por exemplo, se tivermos a forma verbal *comera*, sabemos que *-ra* é o sufixo temporal. Ao último elemento é atribuído o nome de “desinência pessoal”. Partindo da forma verbal *comeras*, *com-* será o radical, *-e-*, a vogal temática, *-ra-*, o sufixo temporal, e, *-s*, a desinência pessoal. Contudo, à forma verbal poderá faltar algum destes elementos, como é o caso do Presente do Conjuntivo do verbo “comer”, cuja forma de primeira pessoa do singular é *coma*, estando, assim, em falta a vogal temática. Do mesmo modo, podem estar em falta outros elementos, dependendo da irregularidade de cada verbo e da construção de cada tempo.

Os tempos simples em Português constroem-se a partir de formas latinas, ainda que tenham sido vítimas do tempo e, por isso, sofrido várias transformações fonéticas. A única exceção é o Infinitivo Pessoal que não existia em Latim.

Celso Cunha e Lindley Cintra aceitam que o verbo apresenta três tempos primitivos e os restantes são derivados. Deste modo, os primitivos serão o Presente do Indicativo, o Pretérito Perfeito do Indicativo e o Infinitivo pessoal. Cada um destes três tempos permite a formação dos vários tempos portugueses. O Presente possibilita a construção do Imperfeito do Indicativo (cantar: cant-a-va; comer: com-i-a; partir: part-i-a) (podemos observar que o Imperfeito do Indicativo se constrói a partir do radical do Presente), do Presente do Conjuntivo (cantar: cant-e; comer: com-a; partir: part-a) (constrói-se a partir da primeira pessoa do singular do Presente do Indicativo) e do Imperativo (tem as suas correspondentes directas no Presente do Indicativo (cantar: canta[s], cantai[s]; comer: come[s], comei[s]; partir: parte[s], parti[s])). O Pretérito Perfeito do Indicativo possibilita a formação do Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo (junta-se o sufixo temporal *-ra* e as desinências pessoais ao radical do Perfeito + vogal temática), do Imperfeito do Conjuntivo (junta-se o sufixo temporal *-sse-* e as desinências pessoais ao radical do Perfeito + vogal temática) e do Futuro do Conjuntivo (junta-se o sufixo temporal *-r-* e as desinências pessoais ao radical do Perfeito + vogal temática). Por último, o Infinitivo pessoal permite a construção do Futuro do Presente (juntam-se ao infinitivo pessoal as terminações *-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão*), do Futuro do Pretérito (juntam-se ao Infinitivo pessoal as terminações *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam*), do Infinitivo pessoal com acréscimo das desinências pessoais (juntam-se ao Infinitivo pessoal as desinências pessoais *-es* [segunda pessoa do singular], *-mos, -des, -em*), do Gerúndio (substitui-se o sufixo *-r* do Infinitivo pelo sufixo *-ndo*) e do Particípio (substitui-se o sufixo *-r* do infinitivo pelo sufixo *-do*. Na segunda conjugação, por influência da terceira conjugação, a vogal temática passa de *-e* para *-i*) (Celso Cunha e Lindley Cintra) (2002: pp. 386-392).

1.1.2. Tempos Simples em Castelhana

A *Gramática Descritiva de la Lengua Española* elabora uma análise dos tempos simples bastante aprofundada. Em primeiro lugar, há a distinguir as cinco formas verbais simples em Castelhana no modo Indicativo, sendo elas, *canto, cantaré, cantaba, cantaría* e *canté*. As formas *canto, canté* e *cantaré* têm uma orientação

simples desde o ponto de origem, o que não se verifica tão claramente nas restantes formas. Para as formas verbais de Presente, Pretérito e Futuro não necessitamos da presença de um marcador temporal para compreender a localização temporal dos acontecimentos. No entanto, estes marcadores podem estar presentes sem que para isso seja necessária uma variação da relação estabelecida na frase. As três formas verbais podem ser utilizadas no mesmo caso, dependendo do grau de amplitude, a título de exemplo, a frase “A minha tia canta no coro da igreja” aceita a forma Pretérita (cantou), Presente (canta) e Futura (cantará), ainda que a sua localização temporal varie. Em relação ao Pretérito, em Castelhana, existe uma relação bastante próxima entre a forma *he cantado* e *canté*, como trataremos mais adiante nesta dissertação. Bello chamou a esta forma ante-presente (*he cantado*) (Ignacio Bosque e Violeta Demonte) (2000: 2902), uma vez que tem uma relação muito próxima com o Presente. No que se refere ao Presente, pensamos importante destacar o facto de, muitas vezes, as formas verbais no Presente se possam referir ao passado, ao presente e ao futuro, ainda que a frase não tenha exactamente a mesma conotação, em algumas situações, quando lhe são empregues as formas verbais no Pretérito, Presente e Futuro. Podemos tomar como exemplo as seguintes frases: *Tu padre pregunta si vas a salir; Voy a sair; Mañana salimos temprano*. Relativamente ao Futuro, como observámos nos exemplos anteriores, existem outras formas que indicam Futuro além de *cantaré*, como é o caso do uso do Presente do verbo *ir* + *a* + infinitivo.

Às três formas verbais referidas, *canté*, *canto* e *cantaré*, é atribuído o título de Realizações Básicas Monovectoriais. Por outro lado, as formas *cantaba* e *cantaría* são chamadas de Realizações Básicas Bivectoriais, uma vez que permitem estabelecer um co-pretérito (*Me dijo que cantaba bien*) e um pos-pretérito (*Le dije que cantaría bien*). A *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* define ainda um ante-pretérito (*Me dijo que había cantado bien*). No entanto, este último já não pertence aos tempos simples. As Realizações Básicas Bivectoriais permitem estabelecer várias localizações temporais relativamente próximas mas possíveis de afastamento, permitindo, deste modo, uma maior claridade no discurso do interlocutor.

Após a análise feita às formas de Indicativo, passemos ao modo Conjuntivo (que em Castelhana é intitulado de *Subjuntivo*). No modo Conjuntivo há a destacar como formas simples o *Presente de Subjuntivo*, *cante*, e o *Imperfecto de Subjuntivo*, *cantara* ou *cantase*. Em primeiro lugar, torna-se fundamental destacar a equivalência gramatical entre as formas *cantara* e *cantase*, as quais, na contemporaneidade, se

mostram perfeitamente equivalentes e aceites nas mesmas condições. No entanto, tende-se a simplificar, especificando a forma *cantara* para um registo mais informal e a forma *cantase* para registos mais cuidados. Em segundo lugar, há destacar o uso de cada uma das formas, a forma *cante* expressa relações temporais de Presente e Futuro. Por outro lado, as formas *cantara* e *cantase* expressam três relações temporais já faladas neste capítulo, co-pretérito, pos-pretérito e pretérito. Para precisar as relações temporais, recorre-se aos advérbios e indicadores temporais.

É importante destacar que resolvemos referir-nos apenas aos *usos rectos* do Indicativo e do Conjuntivo neste capítulo, ainda que a *Gramática Descritiva de la Lengua Española* alargue o seu estudo aos *usos dislocados*.

Em relação às formas verbais simples, há ainda a referir a forma verbal *cantare*. Esta é uma forma que não pode já ser considerada integrante do sistema de conjugação verbal espanhol, sendo considerada *Futuro de Subjuntivo*, aparece só pontualmente em linguagem jurídica, em construções fixas (*sea lo que fuere*) ou em estilos arcaicos. Deste modo, esta forma é pouco funcional na contemporaneidade.

Para terminar, há a destacar a diversidade linguística existente em Espanha. Tal diversidade denota-se, também, no uso de formas simples e compostas, isto é, em algumas regiões de Espanha verifica-se o recurso a formas simples quando se deveriam usar as compostas, assim como acontece com o recurso às formas *cantara* e *cantase* em vez de *cante* em algumas áreas do Espanhol Americano. Não obstante, não nos alargaremos para os usos marginais das formas verbais espanholas porque consideramos que para o nosso trabalho o importante é o uso padrão das formas verbais, as quais já foram referidas.

1.1.3. Confronto entre os Tempos Simples (em Português e Castelhana)

As construções verbais dos tempos simples em Português e em Castelhana são, em muitos aspectos, semelhantes. No entanto, as análises feitas pelas gramáticas por nós escolhidas, isto é, a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (usada como referência na análise da conjugação verbal em português) e a *Gramática Descritiva de la Lengua Española* (usada como referência na análise da conjugação verbal em Castelhana) não seguem a mesma linha de orientação. Por um lado, a gramática portuguesa de Celso Cunha e Lindley Cintra, preocupa-se em explicar a formação da forma verbal e a sua origem, ou seja, sistematiza os elementos constituintes da forma verbal e elabora uma espécie de árvore que permite explicar a origem de um tempo

verbal noutro. Por outro lado, a gramática da Real Academia Espanhola destaca as formas simples que existem no modo Indicativo e as formas simples existentes no modo Conjuntivo. A partir deste ponto, a gramática espanhola preocupa-se fundamentalmente em estabelecer localizações temporais e relações entre elas, destacando a importância dessas relações; os registos usuais em que cada forma verbal se deve aplicar; e, em alguns casos, a origem das formas.

Em suma, apesar do sistema verbal português e espanhol se mostrarem bastante equivalentes, as perspectivas adoptadas por cada uma das gramáticas é bastante divergente, mas cada uma delas mostra-se importante para a compreensão de ambos os sistemas verbais (o português e o castelhano).

1.2. Tempos Compostos

1.2.1 Tempos Compostos em Português

A *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, intitula as formas verbais simples da Língua Portuguesa de *Tempos Simples*, mas o mesmo não se verifica com as formas verbais compostas, pois estas são denominadas de *Verbos Auxiliares e seu Emprego* e não de *Tempos Compostos*. É possível que tal facto se deva à orientação dada à análise dos tempos compostos nesta gramática, pois esta exploração está direccionada para os verbos auxiliares.

A investigação dos tempos verbais compostos em Português na gramática referida começa com a designação de Locução Verbal: expressão constituída por dois verbos, sendo o primeiro conjugado e o segundo uma forma nominal. As formas nominais são o Particípio, o Gerúndio e o Infinitivo Pessoal. Relativamente aos verbos auxiliares, podem destacar-se os de uso mais frequente, ou seja, os verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*.

Em primeiro lugar, os verbos *ter* e *haver* aparecem com o Particípio do verbo principal constituindo, assim, um tempo composto da voz activa que poderá indicar um facto acabado, repetido ou contínuo. Estes verbos podem também aparecer com o Infinitivo do verbo principal e antecedido pela preposição *de* indicando, desta forma, obrigatoriedade e intenção firme.

Em segundo lugar, o verbo *ser* acompanha o Particípio do verbo principal, permitindo, assim, a formação da voz passiva.

Em terceiro lugar, o verbo *estar* emprega-se com o Particípio do verbo principal; com o Gerúndio ou com o Infinitivo do verbo principal antecedido da preposição *a*, indicando duração ou continuidade; com o Infinitivo do verbo principal antecedido da preposição *para*, apontando iminência de um acontecimento ou a intenção de realizar determinada acção; e, por último, emprega-se com o Infinitivo do verbo principal antecedido pela preposição *por*, exprimindo a falta de realização de uma acção que devia já ter sido terminada. Ainda quanto ao verbo *estar* há a destacar o uso do verbo *estar* com o Infinitivo do verbo principal e antecedido pela preposição *a* e a utilização do verbo *estar* mais o Gerúndio do verbo principal. A segunda construção referida é a eleita pelo Português do Brasil e a primeira é a eleita pelo Português europeu. No entanto, a construção *estar* + *gerúndio* é a mais antiga do idioma português, deixando ainda os seus vestígios em zonas como o Alentejo e o Algarve.

Além dos verbos já referidos, existem outros verbos em Português que funcionam como auxiliares. Vejamos alguns exemplos: os verbos *ir* (acompanha o Gerúndio do verbo principal e indica uma realização progressiva; acompanha o Infinitivo do verbo principal e indica a certeza de que uma acção se realizará), *vir* (acompanha o Gerúndio do verbo principal e indica uma realização gradual, por etapas; acompanha o Infinitivo do verbo principal e indica movimento em direcção a determinado fim ou intenção; acompanha o Infinitivo do verbo principal antecedido pela preposição *a* e expressa o resultado final de uma acção; com o Infinitivo do verbo principal e antecedido pela preposição *de* e indica o término recente da acção), *andar* (acompanha o verbo principal no Gerúndio ou no Infinitivo antecedido da preposição *a*, assim como acontece com o verbo *estar*), *ficar* (acompanha o verbo principal no Particípio e forma a voz passiva que indica mudança de estado; acompanha o verbo principal no Gerúndio ou no Infinitivo antecedido da preposição *a* e indica uma acção durativa habitual ou longa; com o Infinitivo do verbo principal antecedido pela preposição *por* e indica que uma acção que deveria ter sido realizada o não foi), e *acabar* (acompanha o Infinitivo do verbo principal antecedido pela preposição *de* e indica uma acção acabada de concluir).

De todos os verbos auxiliares referidos, há um que merece um destaque relevante, o verbo *ter*. Este verbo é destacado por Celso Cunha e Lindley Cintra porque, quando acompanhado pelo Particípio do verbo principal é considerado um paradigma da conjugação, o que não acontece com os restantes auxiliares. Além de ser destacado por estes dois autores, é também bastante relevante para o nosso trabalho, na medida em que

o verbo auxiliar *ter* no Presente do Indicativo acompanhado pelo Particípio Passado do verbo principal constrói o Pretérito Perfeito Composto em português, como veremos no capítulo 3 (parte 1) desta dissertação.

Os autores da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* destacam, como já referimos, a junção do verbo *ter* no Presente do Indicativo com o Particípio do verbo principal, desta união resultando o Pretérito Perfeito do Indicativo. Além deste tempo verbal, existem outros tempos resultantes da conjugação do verbo *ter*: o verbo *ter* no Imperfeito do Indicativo + o verbo principal no Particípio, forma o Pretérito Mais-que-perfeito; o verbo *ter* no Futuro do Presente Simples + o verbo principal no Particípio, forma o Futuro do Presente Composto; e o verbo *ter* no Futuro do Pretérito Simples + o Particípio do verbo principal, forma o Futuro do Pretérito Composto. As construções referidas dizem respeito ao modo Indicativo. No entanto, o verbo *ter* permite também a formação de tempos do modo Conjuntivo. Assim, para formar o Pretérito Perfeito do Conjuntivo, conjugamos o verbo *ter* no Presente do Conjuntivo + o Particípio do verbo principal; para formar o Pretérito Mais-que-perfeito do Conjuntivo, conjugamos o verbo *ter* no Imperfeito do Conjuntivo + o Particípio do verbo principal; para formar o Futuro Composto do Conjuntivo, conjugamos o verbo *ter* no Futuro Simples do Conjuntivo + o Particípio do verbo principal. Além da formação de tempos do Indicativo e do Conjuntivo, o verbo *ter* permite também a formação de formas nominais, sendo elas: o Infinitivo pessoal Composto ou Pretérito impessoal que se forma com o Infinitivo Pessoal do verbo *ter* + o Particípio do verbo principal; o Infinitivo pessoal composto ou Pretérito pessoal que se forma com o infinitivo pessoal do verbo *ter* + o Particípio do verbo principal (este é conjugado em todas as pessoas, ao contrário do que acontece com o Pretérito impessoal, que só é conjugado no Infinitivo); o Gerúndio Composto que se forma com o Gerúndio do verbo *ter* + o Particípio do verbo principal.

À exceção do Pretérito Perfeito Composto, qualquer dos tempos referidos admite a substituição do verbo *ter* pelo verbo *haver*.

Em conclusão, as locuções verbais em Português são várias e admitem vários verbos auxiliares. Dependendo do verbo auxiliar e do tempo verbal em que se encontra o verbo principal, a locução verbal transmite uma ou outra função. Não obstante, como pudemos observar, o verbo auxiliar mais utilizado nos tempos compostos é o verbo *ter*, que em muitas situações pode ser substituído pelo verbo *haver*, ainda que este último se encontre em desuso. É quanto ao verbo *ter* como auxiliar que demonstramos o nosso interesse no capítulo 3 desta dissertação (parte 1).

1.2.2 Tempos Compostos em Castelhana

Cada tempo composto resulta da relação que estes têm de estabelecer com os tempos simples ou primários, como se refere na *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* na seguinte citação “el momento en que ocurre la acción verbal designada por los tiempos simples o primários de presente, pasado y futuro se determina respecto de un punto de referencia que se establece en relación con el momento del hablar. Mediante dicho procedimiento se generan ámbitos temporales de coexistencia, retrospectividad y prospectividad dentro de los cuales cada tiempo simple constituye punto de referencia para el momento en que ocurre la acción verbal designada por los tiempos compuestos” (2000: 2939). Da presente citação, além de destacarmos o facto de o tempo simples constituir um ponto de referência para a realização de um tempo composto, devemos referenciar a separação feita entre tempos compostos retrospectivos e tempos compostos prospectivos. Deste modo, centremo-nos, então, em primeiro lugar nos tempos retrospectivos.

Todos os tempos retrospectivos construídos pela perífrase *haber + participio* indicam perfeição, ou seja, implicam que a acção já se tenha realizado nos limites temporais referidos. Muitos são os tempos verbais constituídos pelo auxiliar *haber + participio* em castelhana. Deste modo, segundo a nomenclatura da Real Academia Espanhola (RAE), o auxiliar *haber* permite a formação do *Pretérito Perfecto Compuesto*, do *Pretérito Anterior*, do *Pretérito Pluscuamperfecto*, do *Futuro Perfecto* e do *Condicional Perfecto*. Ao que a RAE apelidou desta forma, Bello (1847) atribuiu uma terminologia distinta. Ao *Pretérito Perfecto Compuesto* (*he cantado*) chamou-o de *Ante-presente*. Ao *Pretérito Anterior* (*hube cantado*) atribuiu-lhe o conceito de *Ante-pretérito*. Ao *Pretérito Pluscuamperfecto* (*había cantado*) denominou-o de *Ante-co-pretérito*. Ao *Futuro Perfecto* (*habré cantado*) apelidou-o de *Ante-futuro*. E, por último, ao *Condicional Perfecto* (*habría cantado*) designou-o de *Ante-pos-pretérito*. Esta nomenclatura, em alguns casos, poderia tornar-se mais clarificante, por exemplo, no *Pretérito Perfecto*, por ele definido como *Ante-pretérito*. Esta é uma terminologia que permite de imediato compreender o uso desta forma verbal. Analisemos agora cada um destes tempos compostos. A forma verbal *he hecho*, assim como refere Bello com a sua designação, indica uma acção que se concretiza antes do ponto zero, ou seja, antes do Presente, mas estabelece uma relação directa com o Presente. O ponto zero é aquele que nos permite orientar na linha temporal e estabelecer relações de anterioridade,

posterioridade ou simultaneidade. A forma verbal *hube hecho*, por sua vez, implica anterioridade imediata a uma acção passada e costuma estar acompanhada por expressões como *cuando*, *apenas*, *así que*, *después que*, *en seguida que*, entre outras equivalentes. Esta forma verbal desapareceu quase completamente da oralidade, mas mantém-se ainda na língua escrita em algumas situações, como o é a literatura. A forma verbal *había hecho* é considerada um *Ante-pasado* geral em relação a todos os tempos verbais. A forma verbal *habré hecho*, assim como a forma de Futuro Simples, indicam prospectividade, mas, especificamente, a forma composta induz anterioridade a um momento posterior em relação ao ponto zero. Por último, a forma verbal *habría hecho* resulta num fenómeno que pode ser comparado à forma *habré hecho*, isto é, *haría* e *habría hecho* correspondem à diferença entre *haré* e *habré hecho*. Ambos os casos transparecem um valor de futuro, *haré* estabelece um valor de futuro em relação a *hago* e *haría* estabelece um valor de futuro em relação a *hacía* ou *hice*. No entanto *habré hecho* é um *Ante-futuro*, por seu lado, *habría hecho* é um *Ante-pos-pretérito*. As quatro formas podem impelir incerteza, suposição. A diferença entre as suposições por elas expressas encontra-se na medida em que as formas de futuro se referem a situações reais e as formas de pretérito se referem a situações prováveis, incertas.

Após a observação dos tempos retrospectivos, centremo-nos nos tempos prospectivos.

Relativamente aos tempos prospectivos, centrar-nos-emos na prospectiva *ir+a+infinitivo*. Esta última demonstra alguma instabilidade na medida em que existe ainda uma grande resistência para ser considerada um tempo verbal. Desde o nosso ponto de vista, esta resistência tem bastantes razões de ser e, por isso, tal como muitos autores, também nós a consideramos uma perífrase verbal. Este entrave prende-se por várias razões segundo a *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, como por exemplo, o facto de ser possível a inclusão de elementos na perífrase que lhe são estranhos (ex.: *Esta noche iré, estoy segura, a casa de mis padres*).

Por último, os tempos compostos do modo Conjuntivo são *haya hecho*, *hubiese*, *hubiera* ou *hubiere hecho*. O tempo de futuro *hubiere hecho* praticamente já desapareceu. Relativamente aos restantes tempos compostos do Conjuntivo, parece-nos importante destacar que *hubiese* se usa mais frequentemente em Espanha, ao contrário do que acontece na América.

1.2.3. Confronto entre os Tempos Compostos (em Português e Castelhana)

À semelhança do que acontece com os tempos simples, em Português e Castelhana também os tempos compostos têm algumas semelhanças. A semelhança primordial diz respeito ao uso do verbo *haver* como auxiliar. Tal como vimos, são vários os tempos compostos que recorrem ao auxiliar *haver* em Castelhana e, assim como pudemos observar, também o Português tem um verbo auxiliar de primordial uso que é o verbo *ter*. No entanto, o verbo *ter* em quase todos os tempos verbais (à excepção do Pretérito Perfeito Composto) pode ser substituído pelo verbo *haver*. Neste ponto, como foi possível observar, o paralelismo é notório. Relativamente ao auxiliar *ir*, ambas as gramáticas, a portuguesa, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, e a espanhola, *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, lhe fazem referência. No entanto, as construções com este verbo auxiliar são ligeiramente diferentes em Português e em Castelhana. Em Português, o auxiliar *ir* acompanha o Gerúndio ou o Infinitivo do verbo principal. Em Castelhana, acrescenta-se a preposição *a* entre o verbo *ir* e o Infinitivo.

Os aspectos referidos são os dois principais pontos de encontro entre os tempos compostos ou verbos auxiliares entre as duas línguas. Por outro lado, existem algumas divergências quanto a este assunto, como veremos em seguida.

A principal diferença a destacar diz respeito à separação feita pela gramática da RAE no que diz respeito à nomenclatura de tempos retrospectivos e de tempos prospectivos. A gramática portuguesa de Celso Cunha e Lindley Cintra não elabora esta separação, mas destaca todos os tempos verbais que adoptam como auxiliar o verbo *ter*. Além disso, a gramática portuguesa, ainda que não faça um estudo tão aprofundado como a gramática espanhola, oferece-nos uma maior variedade de verbos auxiliares alguns dos quais, ainda que existentes na Língua Espanhola, não são referidos na gramática da RAE.

Em suma, parece-nos importante referir que a *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* não aborda neste ponto intitulado de *tempos compostos*, ou seja, no texto escrito por Nelson Cartagena, todos os verbos auxiliares existentes na língua castelhana, ainda que atribua àqueles a que aborda uma maior profundidade do que a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* atribui aos verbos auxiliares que estuda. No entanto, os verbos auxiliares em Espanhol são analisados por outros autores ao longo da gramática da RAE, estando feita esta organização através da forma verbal que

acompanha o verbo auxiliar. Outro aspecto a destacar é o facto de a gramática portuguesa de Celso Cunha e Lindley Cintra não intitular os tempos compostos como tal, mas sim chamá-los de verbos auxiliares. Este título parece-nos bastante importante, uma vez que muitas locuções verbais são apenas consideradas perífrases e não pertencem às conjugações verbais. Por outro lado, a *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* intitulou todos os tempos estudados de tempos compostos e acaba por referir a inconformidade existente no nome a dar à, por nós considerada, perífrase verbal *ir+a+infinitivo*, uma vez que não é ainda considerada um tempo verbal por muitos autores e por diversas razões.

Capítulo 2

Tempos do Passado

Celso Cunha e Lindley Cintra referiram que “Os três tempos naturais são o Presente, o Pretérito (ou Passado) e o Futuro, que designam respectivamente, um facto ocorrido *no momento em que se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala*” (2002: 379). Cada um destes tempos naturais poderá estabelecer relações de anterioridade, de simultaneidade e de posteridade. Não obstante, neste capítulo centrar-nos-emos nos tempos do passado, ou seja, nas relações de anterioridade.

Poderemos perguntar-nos porque existem tantos tempos de passado em ambas as línguas, na Portuguesa e na Espanhola. No entanto, a resposta não será muito complexa, pois será *o ontem* o mesmo que *o século X*? Com certeza que o não é, ou seja, é importante distinguir entre um passado longínquo e um passado recente. Além disso, entre esses passados haverá outro ou outros que nos permitirão, por exemplo, fazer descrições ou estabelecer probabilidades ou incertezas no passado. Estas são algumas das relações que se poderão estabelecer na linha temporal pretérita. Uma vez que não afirmamos as frases sempre com a mesma intenção nem nos referimos ao passado sempre desde a mesma perspectiva, é importante distinguir quais são os Pretéritos existentes em cada língua, as relações entre eles estabelecidas e os seus usos.

A Língua Portuguesa e a Língua Castelhana apresentam muitos tempos verbais de pretérito equivalentes. No entanto, será importante identificar quais são esses tempos para que no confronto entre as formas de passado da Língua Portuguesa e da Língua Castelhana elaborado no final deste capítulo, possa concluir se existe equivalência entre elas. No que se refere ao modo Indicativo dispomos de cinco tempos verbais em cada um dos idiomas, entre eles, tempos simples e compostos. No que se refere ao Conjuntivo, encontramos três tempos verbais em cada uma das línguas, entre eles, tempos simples e compostos.

Vejamos então as formas verbais de passado existentes em cada idioma.

A Língua Portuguesa, em relação aos tempos passados do Indicativo, possui o Pretérito Imperfeito (eu cantava/ eu bebia/ eu partia), o Pretérito Perfeito Simples (eu cantei/ eu bebi/ eu parti), o Pretérito Perfeito Composto (eu tenho comido/ eu tenho bebido/ eu tenho partido), o Pretérito Mais-que-perfeito Simples (eu cantara/ eu bebera/

eu partira), e o Pretérito Mais-que-perfeito Composto (tinha [ou havia] cantado/ tinha [ou havia] bebido/ tinha [ou havia] partido). Em relação aos tempos passados do Conjuntivo, a Língua Portuguesa abarca o Pretérito Imperfeito (eu cantasse/ eu bebesse/ eu partisse), o Pretérito Perfeito (eu tenha [ou haja] cantado/ eu tenha [ou haja] bebido/ eu tenha [ou haja] partido), e o Pretérito Mais-que-perfeito (eu tivesse [ou houvesse] cantado/ eu tivesse [ou houvesse] bebido/ eu tivesse [ou houvesse] partido).

A Língua Castelhana, em relação aos tempos passados do Indicativo, abrange o *Pretérito Perfecto Simple* (yo canté/ yo bebí/ yo partí), o *Pretérito Imperfecto* (yo cantaba/ yo bebía/ yo partía), o *Pretérito Perfecto Compuesto* (yo he cantado/ yo he bebido/ yo he partido), o *Pretérito Pluscuamperfecto* (yo había cantado/ yo había bebido/ yo había partido) e o *Pretérito Anterior* (yo hube cantado/ yo hube bebido/ yo hube partido). Em relação aos tempos passados do Conjuntivo, a Língua Castelhana circunscreve o *Pretérito Imperfecto* (yo cantara [ou cantase]/ yo bebiera [ou bebiese]/ yo partiera [ou partiese]), o *Pretérito Perfecto Compuesto* (yo haya cantado/ yo haya bebido/ yo haya partido), e o *Pretérito Pluscuamperfecto* (yo hubiera [ou hubiese] cantado/ yo hubiera [ou hubiese] bebido/ yo hubiera [ou hubiese] partido).

A partir das formas expostas, analisemos mais pormenorizadamente a utilização de cada um dos tempos verbais no Idioma Português e no Idioma Castelhana.

2.1. Tempos do Passado em Português

Como referimos anteriormente, e segundo Celso Cunha e Lindley Cintra, os tempos do passado em Português dividem-se entre o modo Indicativo (Pretérito Imperfeito, Pretérito Perfeito Simples, Pretérito Perfeito Composto, Pretérito Mais-que-perfeito Simples e Pretérito Mais-que-perfeito Composto) e o modo Conjuntivo (Pretérito Imperfeito, Pretérito Perfeito e Pretérito Mais-que-perfeito).

Em primeiro lugar, relativamente ao Modo Indicativo, segundo Maria Helena Ançã, este pode definir-se da seguinte forma “o sujeito falante, face ao seu enunciado, exprime certeza ou realidade, nas três faixas temporais (presente, passado e futuro)” (1990: pp. 58, 59). Observemos agora cada um dos tempos do passado pertencentes a este modo:

Pretérito Imperfeito

A sua nomenclatura, Imperfeito, designa o seu valor, ou seja, não perfeito, não acabado. Deste modo e, segundo Celso Cunha e Lindley Cintra (1984, p.450), este tempo verbal designa um facto do passado, mas que ainda não está concluído. Assim, transmite uma ideia de continuidade e de duração o que permite, segundo os autores referidos, contribuir para as acções passadas no que diz respeito à descrição e à narração. Este tempo verbal, segundo Maria Helena Ançã, pode alcançar três pontos de vista. Em primeiro lugar, o Imperfeito visto como tempo do passado. Por exemplo, *Cantávamos muito quando éramos jovens*. Em segundo lugar, o Imperfeito de simultaneidade ou de actualidade. Por exemplo, *Enquanto estudava, ouvia música*. Em terceiro lugar, o Imperfeito como forma de invocar o futuro. Por exemplo, *Ele disse-me que vinha ajudar-te*.

No que diz respeito à sua construção, este tempo verbal tem duas desinências, uma para a primeira conjugação e outra para a segunda e terceira conjugações. Observemos, então, a formação do Pretérito Imperfeito:

	-AR	-ER	-IR
	JOGAR	VIVER	PARTIR
Eu	jogava	vivia	partia
Tu	jogavas	vivias	partias
Ele/ Ela	jogava	vivia	partia
Nós	jogávamos	vivíamos	partíamos
Vós	jogáveis	vivíeis	partíeis
Eles/ Elas	jogavam	viviam	partiam

Além destes verbos, existem quatro verbos que são irregulares, sendo eles os seguintes:

	SER	TER	VIR	PÔR
Eu	era	Tinha	vinha	punha
Tu	eras	tinhas	vinhas	punhas
Ele/ Ela	era	tinha	vinha	punha
Nós	éramos	tínhamos	vínhamos	púnhamos
Vós	éreis	tínheis	vínheis	púnheis
Eles/ Elas	eram	tinham	vinham	punham

Para terminar, podemos ainda referir alguns dos advérbios que acompanham este tempo: antigamente, todos os dias/meses/anos, todas as semanas, dantes, em tempos, *etc.* Como podemos verificar, todos estes advérbios remetem para acções habituais, repetidas e que implicam duração no passado.

Pretérito Perfeito Simples

Este tempo verbal “exprime uma acção passada, acabada, completamente realizada num tempo passado” (Lígia Arruda) (2000: 128). No entanto, “pode referir-se a factos mais ou menos longínquos. É o recurso aos adverbiais que vai permitir a situação dos factos no passado recente ou remoto” (Maria Helena Ançã) (1990: 69). Assim, podemos usar alguns advérbios como *ontem, há pouco tempo, há dias, há anos, há algum tempo, na semana passada, no mês/ ano passado, etc.*

Os verbos regulares do Pretérito Perfeito Simples constroem-se da seguinte forma:

	-AR	-ER	-IR
	CANTAR	VIVER	PARTIR
Eu	cantei	vivi	parti
Tu	cantaste	viveste	partiste
Ele/ Ela	cantou	viveu	partiu
Nós	cantámos	vivemos	partimos
Vós	cantastes	vivestes	partistes
Eles/ Elas	cantaram	viveram	partiram

Em relação aos verbos irregulares, existem vários. Portanto, vamos apenas referir alguns desses verbos (2000: pp. 129, 130) e na primeira pessoa do singular:

Ser	Eu fui	Ir	Eu fui	Querer	Eu quis
Estar	Eu estava	Vir	Eu vim	Poder	Eu pude
Ter	Eu tive	Dar	Eu dei	Fazer	Eu fiz
Dizer	Eu disse	Saber	Eu soube	Ver	Eu vi
Trazer	Eu trouxe	Pôr	Eu pus		

Pretérito Perfeito Composto

O Pretérito Perfeito Composto é construído através do Presente do Indicativo do verbo *ter* e do Particípio do verbo principal. A sua construção com Presente do Indicativo transmite-lhe algum do valor que ele exprime, ou seja, o uso do Presente como base permite que alguns dos valores deste tempo se mantenham no Pretérito Perfeito Composto. Este tempo estende-se até ao momento presente, abarca-o, e pode até prolongar-se até ligeiramente depois do Presente. Além disso, exprime um valor inacabado tipicamente presente. Deste modo, a forma composta do Pretérito Perfeito transmite uma continuidade que começa no passado e se prolonga até ao presente, como podemos ver nos exemplos seguintes:

- σ Este ano **tem chovido** muito.
- σ Ultimamente **temos viajado** pouco.
- σ Até agora não se **tem preocupado** contigo.

Além disso, exprime também a repetição de um acto. Vejamos, também, alguns exemplos:

- σ **Tenho trabalhado** muito.
- σ **Tenho saído** com o meu cão todos os dias.
- σ **Tenho comprado** pão na padaria.

Após termos observado os valores transmitidos pelo Pretérito Perfeito Composto e o seu uso em algumas frases, observemos, agora a sua construção:

	-AR	-ER	-IR
	CANTAR	VIVER	PARTIR
Eu	tenho		
Tu	tens		cantado
Ele/ Ela	tem		vivido
Nós	temos		partido
Vós	tendes		
Eles/ Elas	têm		

Além dos Particípios regulares acima indicados, existem, em Português, muitos Particípios que são irregulares. No entanto, estes serão abordados no próximo capítulo, uma vez que estudaremos o Pretérito Perfeito Composto mais aprofundadamente.

Para terminar, é ainda importante referir alguns advérbios que podem acompanhar este tempo, podendo eles ser os seguintes: *ultimamente, nos últimos dias/ meses/ anos, nas últimas horas/ semanas, até agora, até momento, nestes últimos dias, etc.* Como podemos verificar, os advérbios que acompanham o Pretérito Perfeito Composto exprimem sempre uma ideia de continuidade do passado até ao presente.

Pretérito Mais-que-perfeito Simples

O Pretérito Mais-que-perfeito, segundo a *Gramática de Português para Estrangeiros*, centra a sua utilidade em exprimir uma acção que aconteceu antes de outra acção já passada (ex: *Ele fizera tanta comida que perdi a fome*), em transmitir uma acção situada vagamente no passado (ex: *Comprara dois carros e uma casa, arranjava um bom emprego, mas nada o fizera feliz*), e em indicar uma acção passada em relação ao momento presente, quando se pretende atenuar uma afirmação ou um pedido (ex: *eu comprara (tinha comprado) pão para o pequeno-almoço*). Além disso, segundo a mesma gramática, este tempo verbal, é também empregue na transmissão escrita para substituir o Condicional ou o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo, como podemos observar nos seguintes exemplos:

- σ Ficasses a dormir mais cinco minutos e **perderas** (terias perdido/ perderias) o comboio.
- σ Deste uma aula de português como se **foras** (fosses) professora.

Como observamos no primeiro exemplo, poderíamos substituir o Pretérito Mais-que-perfeito pelo Condicional Simples ou Composto. No segundo exemplo, o Mais-que-perfeito poderia ser substituído pelo Imperfeito do Conjuntivo.

Além dos usos já referenciados, o Pretérito Mais-que-perfeito está presente em algumas expressões da Língua Portuguesa como: *Quem me **dera!**; **Pudera!***

Para terminar, observemos a sua construção:

	-AR	-ER	-IR
	CANTAR	VIVER	PARTIR
Eu	cant-ara	viv-era	part-ira
Tu	cantaras	viveras	partiras
Ele/ Ela	cantara	vivera	partira
Nós	cantáramos	vivêramos	partíramos
Vós	cantáreis	viveréis	partireis
Eles/ Elas	cantaram	viveram	partiram

Pretérito Mais-que-perfeito Composto

O Pretérito Mais-que-perfeito Composto exprime os mesmos valores que o Pretérito Mais-que-perfeito Simples. A diferença reside no facto de o tempo simples se aplicar, essencialmente, na expressão escrita e o tempo composto ser mais usado na expressão oral. Além disso, assim como temos observado em todos os tempos compostos da Língua Portuguesa, também o Mais-que-perfeito composto é construído com o verbo *ter*. Neste caso, o verbo *ter* é conjugado no Pretérito Imperfeito do Indicativo, como podemos observar na seguinte tabela.

	-AR	-ER	-IR
	CANTAR	VIVER	PARTIR
Eu	tinha		
Tu	tinhas		cantado
Ele/ Ela	tinha		vivido
Nós	tínhamos		partido
Vós	tínheis		
Eles/ Elas	tinham		

Em segundo lugar, no Modo Conjuntivo, como afirma Maria Helena Ançã, “o sujeito exprime, face ao seu enunciado, incerteza, irrealidade e eventualidade” (1990: 59). Observemos agora cada um dos tempos do passado pertencentes a este modo:

Pretérito Imperfeito

Este tempo verbal exprime, assim como o Presente do Indicativo, valores de hipótese, desejo, concessão e ordem. No entanto, estes dois diferenciam-se na medida em que, enquanto o Presente do Conjuntivo está mais relacionado com o potencial, o Imperfeito do Conjuntivo acerca-se ao irreal. Além disso, a nomenclatura de Imperfeito exprime um valor condicional.

Normalmente, o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo aparece nas orações subordinadas, enquanto que da oração subordinante formam parte integrante o Imperfeito do Indicativo, o Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ou o Pretérito Perfeito Composto do Indicativo, como podemos observar nos seguintes exemplos:

- σ Gostava que fosses comigo. (Imperfeito do Indicativo + Imperfeito do Conjuntivo)
- σ Desejei que ganhasses. (Pretérito Perfeito Simples + Imperfeito do Conjuntivo)
- σ Tinha-te pedido que comprasses pão. (Pretérito Perfeito Composto + Imperfeito do Conjuntivo)

A formação deste tempo verbal parte da terceira pessoa do plural do Pretérito Perfeito Simples do Indicativo, ou seja, a terminação *-ram*, e substitui-se esta pela característica *-sse*. Observemos a construção dos verbos regulares:

	-AR	-ER	-IR
	CANTAR	VIVER	PARTIR
Eu	cantasse	vivesse	partisse
Tu	cantasses	vivesses	partisses
Ele/ Ela	cantasse	vivesse	partisse
Nós	cantássemos	vivêssemos	partíssemos
Vós	cantásseis	vivêsseis	partísseis
Eles/ Elas	cantassem	vivessem	partissem

Pretérito Perfeito

O Pretérito Perfeito do Conjuntivo exprime “uma acção já realizada em relação ao presente ou ao futuro” (2000: 144). Este tempo estabelece anterioridade em relação ao Presente do Conjuntivo. Além disso, uma vez que é um tempo do Conjuntivo estabelece desejo e dúvida, como podemos ver nos seguintes exemplos:

σ Espero que tenhas comprado o que te pedi.

σ Talvez te tenhas esquecido do que te pedi.

Uma vez mais, este é um tempo composto e, por isso, constrói-se com o verbo *ter*. Observemos a sua construção:

	-AR	-ER	-IR
	CANTAR	VIVER	PARTIR
Eu	tenha		
Tu	tenhas		cantado
Ele/ Ela	tenha		vivido
Nós	tenhamos		partido
Vós	tenhais		
Eles/ Elas	tenham		

No que diz respeito aos participios que acompanham o verbo *ter*, existem alguns irregulares como pudemos observar quando estudámos o Pretérito Perfeito Composto do Indicativo.

Pretérito Mais-que-perfeito

O Pretérito Mais-que-perfeito do Conjuntivo remete-nos para o primeiro dos passados, para o passado dos passados, ou seja, para o pretérito que se encontra mais longínquo. Este tempo encontra-se antes do Imperfeito do Conjuntivo. Observemos os seguintes exemplos:

σ Esperava que viesses. (Imperfeito do Conjuntivo)

σ Esperava que tivesses vindo. (Mais-que-perfeito do Conjuntivo)

Este tempo verbal usa-se para falar de acções anteriores a outras, sendo ambas do passado, uma vez que este Pretérito é o mais longínquo; para nos referirmos a acções que não se realizaram no passado, ou seja, irreais; e, por último, em frases exclamativas que se deixam iniciar pela expressão “quem me dera” (ex: *Quem me dera que tivesses tido sorte.*). O Mais-que-perfeito dos Pretéritos constrói-se com o Imperfeito do Conjuntivo do verbo *ter* acompanhado pelo Particípio do verbo principal, como podemos comprovar na seguinte tabela:

	-AR	-ER	-IR
	CANTAR	VIVER	PARTIR
Eu	tivesse		
Tu	tivesses		cantado
Ele/ Ela	tivesse		vivido
Nós	tivéssemos		partido
Vós	tivésseis		
Eles/ Elas	tivessem		

2.2. Tempos do Passado em Castelhanao

Como referimos anteriormente, em Castelhanao, os tempos do passado dividem-se entre o Indicativo (*Pretérito Perfecto Simple, Pretérito Imperfecto, Pretérito Perfecto Compuesto, Pretérito Pluscuamperfecto e Pretérito Anterior*) e o Conjuntivo (*Pretérito Imperfecto, Pretérito Perfecto Compuesto, Pretérito Pluscuamperfecto*).

Em primeiro lugar, o modo Indicativo expressa as acções tal como elas são, ou seja, com total objectividade. Vejamos cada um dos tempos passados pertencentes a este modo:

Pretérito Perfecto Simple

Este tempo verbal admite duas nomenclaturas, sendo elas *Pretérito Perfecto Simple* e *Pretérito Indefinido*. Este tempo do passado é utilizado para narrar no passado e apresenta acções num período de tempo determinado, por exemplo, *hace dos semanas, en 1990, el viernes pasado*, etc. O *Pretérito Indefinido* “expresa una acción terminada en un tiempo ya pasado; por eso se utilizan marcadores como: *ayer, el año pasado, el*

lunes, hace tres años, en 2003, en verano, aquel día...”; permite “ordenar una serie de acciones”; expressa uma acção puntual que “puede ocurrir una vez o varias veces” (2009: pp. 122, 123). Vejamos alguns exemplos nos quais devemos utilizar este tempo verbal:

- σ Hace tres años **compré** una casa.
- σ En 1986 **nació** mi primo.
- σ Aquel día me **dijeron** lo que no quería oír.
- σ El lunes pasado **salí** con mi novio.

A construção deste tempo verbal é a mais complexa dos tempos do passado em Castelhana, uma vez que apresenta vários verbos irregulares. No entanto, observemos, primeiramente, os Indefinidos regulares:

	-AR-	-ER-	-IR-
	CANTAR	BEBER	PARTIR
Yo	cant-é	beb-í	part-í
Tú	cant-aste	beb-iste	part-iste
Él/Ella/Usted	cant-ó	beb-ió	part-ió
Nosotros	cant-amos	beb-imos	part-imos
Vosotros	cant-asteis	beb-isteis	part-isteis
Ellos/Ellas/Ustedes	cant-aron	beb-ieron	part-ieron

Como podemos observar, a segunda e terceira conjugações apresentam as mesmas terminações. Veremos este tempo mais aprofundadamente no próximo capítulo e, do mesmo modo, verificaremos as muitas irregularidades que dele fazem parte.

Pretérito Imperfecto

Este tempo verbal é usado para elaborar descrições no passado e para falar de acções habituais no passado. Deste modo, pode estar acompanhado por marcadores temporais como *todos los días, normalmente, nunca, casi siempre*, etc.

Observemos o uso deste tempo verbal:

- σ Todos los días **iba** a casa de su madre.

- σ Nunca **sufría** por dejar su país.
- σ Normalmente **tenía** dinero en el bolsillo.
- σ **Ayudaba** casi siempre a los demás.

Como podemos observar nos exemplos, existem duas terminações para o *Pretérito Imperfecto*, assim como é possível comprovar na seguinte tabela:

	-AR-	-ER-	-IR-
	CANTAR	BEBER	PARTIR
Yo	cant-aba	beb-ía	part-ía
Tú	cant-abas	beb-ías	part-ías
Él/ Ella/ Usted	cant-aba	beb-ía	part-ía
Nosotros	cant-ábamos	beb-íamos	part-íamos
Vosotros	cant-abais	beb-íais	part-íais
Ellos/ Ellas/ Ustedes	cant-aban	bebe-ían	part-ían

A construção do *Pretérito Imperfecto*, como é possível detectar na tabela acima, é feita com a desinência *-aba* para a primeira conjugação e com a desinência *-ía* para a segunda e terceira conjugações.

Além dos verbos apresentados, ou seja, das formas regulares, em Castelhana, existem três verbos irregulares no *Pretérito Imperfecto*, sendo eles, os verbos *ser*, *ir* e *ver*. Observemos a sua conjugação:

	SER	IR	VER
Yo	era	iba	Veia
Tú	eras	ibas	veías
Él/Ella/Usted	era	iba	veía
Nosotros	éramos	íbamos	veíamos
Vosotros	erais	ibais	veíais
Ellos/Ellas/Ustedes	eran	iban	veían

Como podemos verificar, o verbo *ser* é totalmente irregular. Por outro lado, o verbo *ir*, apesar de ser, do mesmo modo, totalmente irregular, usa as desinências da primeira conjugação na sua construção. Por último, o verbo *ver*, ainda que pareça

regular, não o é, pois, ainda que lhe sejam acrescentadas as terminações da segunda conjugação, o radical do verbo é *ve-* e não *v-*, o qual deveria ser se o verbo fosse regular, ou seja, ficaríamos com o radical *v-* ao retirar a marcar de Infinitivo *-er* para acrescentar as terminações de Imperfeito.

Pretérito Perfecto Compuesto

O *Pretérito Perfecto Compuesto* pode abreviar a sua nomenclatura para *Pretérito Perfecto*. Este tempo do passado é usado para “expresar acciones o hechos terminados en un período de tiempo no concluido. – Por eso suele ir acompañado de los marcadores temporales de tiempo donde está incluido quien habla o escribe: *este año, esta semana, hoy...* (estamos en este año, en esta semana, en el día de hoy) [...] – También se usa con marcadores del tipo: *nunca, alguna vez, a veces, en toda mi vida, nunca, siempre*, etc. [...] – Además puede aparecer sin marcadores [...]” (Concha Moreno) (2009: pp. 99, 122).

Observemos alguns exemplos:

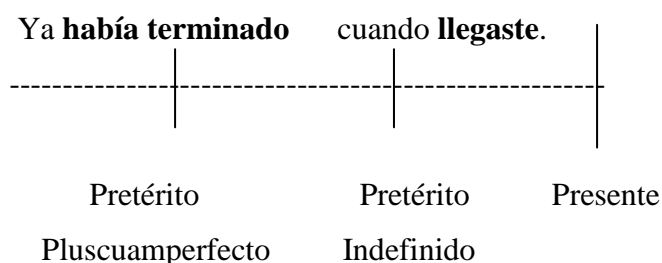
- σ Hoy **he ido** a casa de mi madre.
- σ Alguna vez **he visitado** España.
- σ ¿Dónde **has comprado** ese coche?

A construção deste tempo verbal é feita com o verbo *haber* no Presente de Indicativo e o Particípio do verbo principal. Muitos são os Particípios regulares. No entanto, existem também alguns irregulares que veremos no próximo capítulo. Vejamos alguns exemplos dos verbos regulares deste tempo verbal:

	-AR-	-ER-	-IR-
	CANTAR	BEBER	PARTIR
Yo	he cantado	he bebido	he partido
Tú	has cantado	has bebido	has partido
Él/Ella/Usted	ha cantado	ha bebido	ha partido
Nosotros	hemos	hemos bebido	hemos
Vosotros	cantado	habéis bebido	partido
Ellos/Ellas/Ustedes	habéis	han bebido	habéis
	cantado		partido
	han cantado		han partido

Pretérito Pluscuamperfecto

O *Pretérito Pluscuamperfecto* “expresa una acción o un hecho anterior a otra acción o hecho en el pasado” (Concha Moreno) (2009: 107), como podemos comprobar no seguinte esquema:



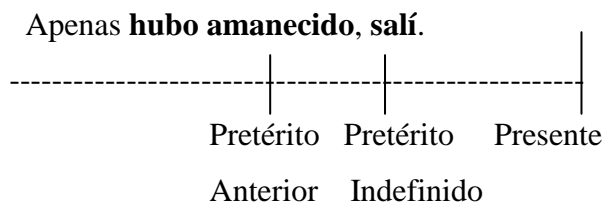
Deste modo, como podemos observar, o *Pretérito Pluscuamperfecto* não pode aparecer isolado, isto é, sem contexto, pois não teria qualquer sentido se empregássemos numa frase o verbo no *Pretérito Pluscuamperfecto* e não o enquadrássemos num contexto, uma vez que este se refere sempre a uma acção anterior a outra no passado. Para enquadrarmos essa acção, além de uma forma verbal, podemos também usar, por exemplo, um marcador temporal, por exemplo: *Ayer, por esta hora, ya **había partido.***

Assim como o *Pretérito Perfecto Compuesto*, também o *Pretérito Pluscuamperfecto* é construído com o verbo *haber* como auxiliar e com o Particípio do verbo principal e ambos os tempos verbais, apesar de serem constituídos por dois verbos, formam apenas uma única forma verbal. A diferença entre os dois reside no facto de, no *Pretérito Perfecto Compuesto*, o verbo *haber* aparece no *Presente de Indicativo* e no *Pretérito Pluscuamperfecto*, o verbo *haber* conjuga-se no *Imperfecto de Subjuntivo* (yo *había*; tú *habías*; él/ ella/ usted *había*; nosotros *habíamos*; vosotros *habíais*; ellos/ ellas/ ustedes *habían*). Além disso, também em ambos os casos, o Particípio do verbo principal pode ser irregular, como podemos ver na tabela que encontramos no *Pretérito Perfecto Compuesto*, no próximo capítulo. Os Particípios regulares, como já ficou referenciado, têm as seguintes terminações: -ado (-AR), -ido (-ER), -ido (-IR).

Pretérito Anterior

O *Pretérito Anterior* reduziu o seu uso à língua escrita, especialmente à literária. Este tempo verbal expressa “anterioridad inmediata a una acción pasada

respecto del momento del habla, por lo cual va normalmente introducido por *cuando*, *apenas*, *así que*, *después que*, *en seguida que*, *no bien*, *tan pronto como* o expresiones análogas.” (Ignacio Bosque e Violeta Demonte) (2000: 2951)



Este tempo verbal, à semelhança do *Pretérito Perfecto Compuesto* e do *Pretérito Pluscuamperfecto*, constrói-se com o verbo *haber* conjugado e o verbo principal no Particípio Passado. O auxiliar *haber*, neste caso, conjuga-se no Pretérito Indefinido (yo hube; tú hubiste; él/ ella/ usted hubo; nosotros hubimos; vosotros hubisteis; ellos/ ellas/ ustedes hubieron).

Em segundo lugar, o modo Conjuntivo, implica sempre algo subjectivo, isto é, não é certo, implicando dúvida, incerteza, eventualidade ou, até mesmo, irrealidade. Vejamos cada um dos tempos do passado pertencentes a este modo.

Pretérito Imperfecto

O *Pretérito Imperfecto de Subjuntivo* admite duas formas, por exemplo, *cantara* e *cantase*. Este tempo verbal expressa “ciertas relaciones temporales de anterioridade en subjuntivo” (Ignacio Bosque e Violeta Demonte) (2000: 2927) e, além disso, como tempo do Conjuntivo, exprime um elevado grau de incerteza. Vejamos a sua construção:

	-AR	-ER
	CANTAR	BEBER
Yo	cantara/ cantase	bebiera/ bebiese
Tú	cantaras/ cantases	bebieras/ bebieses
Él/ Ella/ Usted	cantara/ cantase	bebiera/ bebiese
Nosotros	cantáramos/ cantásemos	bebiéramos/ bebiésemos
Vosotros	cantarais/ cantaseis	bebierais/ bebieseis
Ellos/Ellas/ Ustedes	cantaran/ cantasen	bebieran/ bebiesen

	-IR	
	PARTIR	
Yo	partiera/ partiese	
Tú	partieras/ partieses	
Él/ Ella/ Usted	partiera/ partiese	
Nosotros	partiéramos/partiésemos	
Vosotros	partierais/ partieseis	
Ellos/Ellas/ Ustedes	partieran/ partieron	

Pretérito Perfecto Compuesto

O *Pretérito Perfecto Compuesto de Subjuntivo* constrói-se com o auxiliar *haber* no *Presente de Subjuntivo* e com o Particípio do verbo principal e indica anterioridade em relação a uma acção do passado. Vejamos os exemplos da sua construção:

	-AR	-ER	-IR
	CANTAR	BEBER	PARTIR
Yo	haya cantado	haya bebido	haya partido
Tú	hayas cantado	hayas bebido	hayas partido
Él/ Ella/ Usted	haya cantado	haya bebido	haya partido
Nosotros	hayamos cantado	hayamos bebido	hayamos partido
Vosotros	hayáis cantado	hayáis bebido	hayáis partido
Ellos/ Ellas/ Ustedes	hayan cantado	hayan bebido	hayan partido

Pretérito Pluscuamperfecto

O *Pretérito Pluscuamperfecto de Subjuntivo* constrói-se com o auxiliar *haber* no *Pretérito Imperfecto de Subjuntivo* e com o Particípio do verbo principal. Vejamos os exemplos da sua construção:

	-AR	-ER
	CANTAR	BEBER
Yo	hubiese/ hubiera cantado	hubiese/ hubiera bebido
Tú	hubieses/ hubieras cantado	hubieses/ hubieras bebido
Él/ Ella/ Usted	hubiese/ hubiera cantado	hubiese/ hubiera bebido
Nosotros	hubiésemos/ hubiéramos cantado	hubiésemos/ hubiéramos bebido
Vosotros	hubiese/ hubiera cantado	hubiese/ hubiera bebido
Ellos/ Ellas/ Ustedes	hubiesen/ hubieran cantado	hubiesen/ hubieran bebido
	-IR	
	PARTIR	
Yo	hubiese/ hubiera partido	
Tú	hubieses/ hubieras partido	
Él/ Ella/ Usted	hubiese/ hubiera partido	
Nosotros	hubiésemos/ hubiéramos partido	
Vosotros	hubiese/ hubiera partido	
Ellos/ Ellas/ Ustedes	hubiesen/ hubieran partido	

Em suma, neste ponto da nossa dissertação sintetizámos os usos e construções dos tempos verbais do passado, em Castelhana, nos modos Indicativo e Conjuntivo. No próximo capítulo aprofundaremos o *Pretérito Perfecto Simple* e o *Pretérito Perfecto Compuesto de Indicativo*, uma vez que estes são o nosso tema fundamental de estudo.

2.3. Confronto dos Tempos do Passado (em Português e Castelhana)

São muitos os tempos que se referem ao pretérito tanto na Língua Portuguesa como na Língua Castelhana. Tal facto pode ser assustador para quem estuda uma das línguas pela primeira vez. No entanto, tanto os portugueses como os espanhóis encontram-se privilegiados quando tentam estudar a língua do país irmão, uma vez que a morfologia, assim como as funções de cada tempo são bastante semelhantes como pudemos observar nos pontos acima referidos. Esta evidência não pode ser contestada. Contudo, será fácil para um português memorizar as terminações espanholas que são tão semelhantes às portuguesas? Ou será esta semelhança colossal um incentivo ao erro e à adopção da morfologia portuguesa? Desde o nosso ponto de vista, esta afinidade entre as duas línguas românicas quase irmãs prejudica uma utilização correcta da forma adequada do verbo. Todavia, as suas semelhanças são muitas e as diferenças são

mínimas, as quais não são muito notáveis à primeira vista e, por isso, sistematizemo-las agora.

Relativamente ao Pretérito Imperfeito do Indicativo/ *Pretérito Imperfecto de Indicativo* as diferenças centram-se nas terminações regulares –ava (desinência do Imperfeito para a primeira conjugação portuguesa) / –aba (desinência do *Imperfecto* para a primeira conjugação castelhana) e -ia (desinência do Imperfeito para as segunda e terceira conjugações portuguesas) / -ía (desinência do *Imperfecto* para as segunda e terceira conjugações castelhanas); e, no verbo pôr/*poner* que em português é irregular e em castelhano é regular. No que confere aos usos deste tempo verbal, estes são os mesmos nas duas línguas.

Em relação ao Pretérito Perfeito Simples/ *Pretérito Perfecto Simple*, as terminações para os verbos regulares são ligeiramente distintas. No entanto, a maior diferença reside nos verbos irregulares que têm uma conjugação completamente diferente. Uma vez que são muitos os verbos irregulares nas duas línguas, vejamos apenas o verbo *saber* que em português se conjuga “Eu soube” e em castelhano “Yo supe”. Contudo, tanto as suas funções como os marcadores temporais usados são os mesmos nas duas línguas.

No que diz respeito ao Pretérito Perfeito Composto/ *Pretérito Perfecto Compuesto*, assim como irá acontecer com o tempo verbal anterior, as diferenças entre as duas línguas serão analisadas mais pormenorizadamente no próximo capítulo. No entanto, a diferença mais óbvia é o uso do verbo *ter* como auxiliar na língua portuguesa e o recurso ao verbo *haber* na Língua Espanhola.

O Pretérito Mais-que-perfeito Simples português não encontra o seu equivalente na Língua Espanhola. Só o Pretérito Mais-que-perfeito Composto pode ser comparado ao *Pretérito Pluscuamperfecto*, sendo que o primeiro usa como auxiliar o verbo *ter*, embora admita o verbo *haber* como auxiliar, e, o segundo, admite apenas o verbo *haber*. Tanto na Língua Portuguesa como na Língua Espanhola os auxiliares conjugam-se no Pretérito Imperfeito/ *Pretérito Imperfecto*.

Por sua vez, também, a Língua Castelhana tem um tempo do Pretérito que não encontra nenhum correspondente em Português. Este tempo é o *Pretérito Anterior* que se constrói com o *Indefinido* do verbo *haber* mais o Particípio passado do verbo principal.

Em relação ao modo Conjuntivo, existem três tempos em cada língua: Pretérito Imperfeito/ *Pretérito Imperfecto*, Pretérito Perfeito/ *Pretérito Perfecto Compuesto* e

Pretérito Mais-que-perfeito/ *Pretérito Pluscuamperfecto*. Estes tempos são equivalentes em ambas as línguas. No entanto, é possível detectar uma diferença no que diz respeito ao Pretérito Imperfeito/ *Pretérito Imperfecto*, pois em Castelhana este tempo admite duas terminações *-ase/-ara* para cada conjugação, enquanto que em Português existe apenas a terminação *-asse*. Devido a esta distinção, o mesmo acontece com o Pretérito Mais-que-perfeito e o *Pretérito Pluscuamperfecto*, uma vez que estes se formam com o Pretérito Imperfeito/ *Pretérito Imperfecto* do verbo *ter* (no caso da Língua Portuguesa, ainda que admita o *haver*) e *haber* (no caso da Língua Castelhana).

Em suma, embora sejam muitas as semelhanças entre os tempos do passado entre estas duas línguas vizinhas, como pudemos comprovar, existem também algumas diferenças que podem dificultar a aprendizagem da língua para o falante de Língua Estrangeira (Portuguesa ou Castelhana) se este for português ou espanhol.

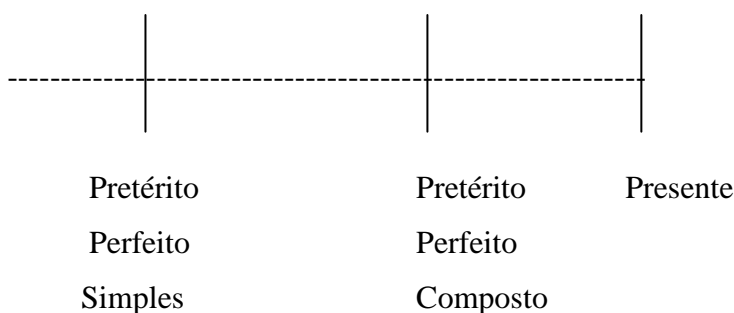
Capítulo 3

Pretérito Perfeito Simples vs. *Pretérito Perfecto Simple* e Pretérito Perfeito Composto vs. *Pretérito Perfecto Compuesto*

Neste capítulo centra-se o nosso principal objecto de estudo, isto é, as semelhanças e diferenças entre o Pretérito Perfeito Simples/ *Pretérito Perfecto Simple* e o Pretérito Perfeito Composto/ *Pretérito Perfecto Compuesto* em Português e Castelhana, ou seja, quais serão as características em comum e quais as divergentes respeitantes a cada tempo em cada uma das línguas.

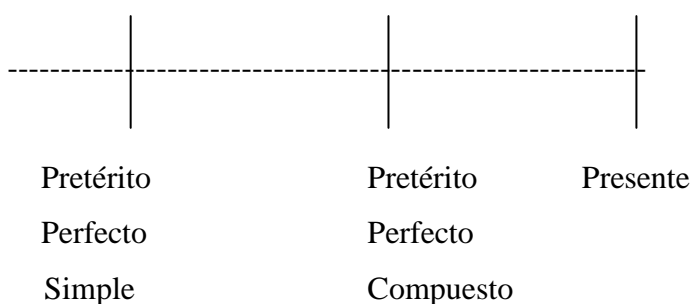
Observemos, em primeiro lugar, a localização de cada um dos tempos numa linha temporal. Começemos com o caso português:

- σ Ontem **fiz** os trabalhos de casa.
- σ Esta semana **tenho feito** os trabalhos de casa.
- σ Hoje **faço** os trabalhos de casa.



Como podemos observar, o Pretérito Perfeito Composto está próximo do Presente e, além disso, é acompanhado por um marcador presente (“esta semana”). Por sua vez, o Pretérito Perfeito Simples, embora pertença aos tempos do passado, encontra-se mais afastado do Pretérito Perfeito Composto do que o próprio Presente. Observemos como se processa este caso no sistema verbal castelhana:

- σ Ayer **hice** los deberes.
- σ Esta semana/ Hoy **he hecho** los deberes.



Serão estes os tempos a tratar ao longo deste capítulo. Neste ponto da nossa dissertação, em primeiro lugar, procuraremos aclarar a terminologia, morfologia e funções de cada um dos tempos de forma mais aprofundada do que no capítulo anterior. E, em segundo lugar, exporemos o ponto de vista de alguns autores que já abordaram o tema anteriormente, assim como as conclusões a que chegaram e os dilemas que lhes surgiram. Por último, no confronto entre os tempos referidos portugueses e castelhanos, destacaremos as conclusões a que chegámos no que diz respeito aos pontos de encontro e, essencialmente, de afastamento do Pretérito Perfeito Simple/ *Pretérito Perfecto Simple* e Pretérito Perfeito Composto/ *Pretérito Perfecto Compuesto*.

3.1. Pretérito Perfeito Simple

O Pretérito Perfeito Simple pode também ser chamado na Língua Portuguesa apenas de Pretérito Perfeito. Este tempo verbal é utilizado para transmitir uma acção pontual passada, acabada, que começou e foi concluída no passado, podendo esse passado estar mais distante ou mais perto, mas esse facto dependerá do advérbio temporal. Assim, o Pretérito Perfeito Simple pode indicar um passado remoto ou um passado recente, por exemplo:

- σ A minha irmã nasceu **em 1990**.
- σ A minha irmã nasceu **ontem**.
- σ A minha irmã nasceu **hoje**.

Além destes advérbios que indicam passado e presente para nos referirmos a um passado recente, podem ser utilizados outros advérbios como “nunca” e “agora”:

- σ **Nunca** comi lagosta.
- σ Acabei **agora** de comer lagosta.

O advérbio “nunca” remete-nos para todo o passado que se prolonga até ao presente, ou seja, evoca o passado. Por outro lado, o advérbio “agora” remete-nos para um passado recente.

Além dos advérbios referidos, o Pretérito Perfeito pode também ser usado com os seguintes advérbios: “anteontem, há pouco (tempo), há algum tempo, há muito tempo, há dias/ semanas/ anos/ meses, na semana/ segunda-feira passada, no mês/ ano passado”.

Em relação aos empregos temporais, o Pretérito Perfeito Simples, segundo Maria Helena Ançã (1990: pp. 70, 71), admite os seguintes:

- a) Uma série de formas verbais no Pretérito Perfeito Simples de forma a projectar no passado os acontecimentos que se constituem em história. (Ex: “Um dia na cidade do Porto presenciei uma cena entre um homem e uma mulher que nunca mais pude esquecer. O cenário onde isto se passou é dos mais pitorescos que os meus olhos já viram.” Almada Negreiros, *Nome de Guerra*)
- b) Simultaneidade com outro acontecimento narrado (Ex: Enquanto trabalhava, apareceram os meus amigos). Neste caso pode ser usado o Pretérito Imperfeito para elaborar o contexto da situação ou fazer descrições e, conjuntamente, utiliza-se o Pretérito Indefinido para narrar os acontecimentos. Nesta situação, o Pretérito Imperfeito aparecerá em segundo plano e o Pretérito Perfeito em primeiro plano.
- c) As verdades inquestionáveis e eternas podem ser enunciadas com este tempo com os advérbios “nunca” e “sempre”. (Ex: Nunca casou; Sempre se esforçou.)

Ainda segundo Maria Helena Ançã, vários são os valores aspectuais transmitidos por este tempo verbal:

- a) Valor pontual – A Ana cantou.
- b) Valor de ocorrência única – A Maria morreu em 2006.
- c) Valor cessativo – Acabou agora de estudar.
- d) Valor acabado e concluído – O António nasceu em 2000.
- e) Valor durativo (através do recurso a adverbiais) – O Pedro lutou durante 3 anos.
- f) Valor de iteração e repetição – Encontrei-o algumas vezes esta semana.

No que diz respeito à sua construção, esse ponto já foi analisado no capítulo anterior, mas parece-nos importante destacar que este tempo verbal constitui, desde o nosso ponto de vista, o mais irregular dos tempos do passado. Além de serem muitos os

verbos com diversas irregularidades, pensamos que mesmo dentro dos verbos regulares são bastante diversificadas as terminações, pois não são apenas constituídas pela vocal temática, pela característica de Pretérito Indefinido e pela desinência de pessoa.

3.2. Pretérito Perfeito Composto

O Pretérito Perfeito Composto, como já identificámos, forma-se com o Presente do Indicativo do verbo *ter* e com o Particípio do verbo principal. No entanto, ainda não referimos quais são os Particípio irregulares. Observemo-los na seguinte tabela:

Dizer	Dito	Pôr	Posto
Escrever	Escrito	Abrir	Aberto
Fazer	Feito	Cobrir	Coberto
Ver	Visto	Vir	Vindo

Além dos Particípios referidos, todos os derivados destes verbos seguem a mesma irregularidade no que diz respeito ao Particípio. No entanto, os Particípios irregulares portugueses são muitos mais do que os referidos, pois, na língua portuguesa, existem bastantes verbos abundantes, isto é, verbos que admitem um Particípio regular e um Particípio irregular. Normalmente, o Particípio regular acompanha os verbos auxiliares *ter* e *haver*, e, por sua vez, o Particípio irregular é acompanhado pelo verbo *ser* e *estar*. Observemos agora apenas alguns Particípios passados de verbos abundantes:

Aceitar	Aceite	Eleger	Eleito
Entregar	Entregue	Morrer	Morto
Expressar	Expresso	Romper	Roto
Matar	Morto	Exprimir	Expresso
Salvar	Salvo	Imprimir	Impresso
Acender	Aceso	Inserir	Inserto

A acompanhar estes particípios temos o Presente do verbo *ter*, o qual transmite ao Pretérito Perfeito Composto um valor de Presente. Este tempo do Pretérito, deste

modo, inclui o Presente e pode ultrapassá-lo. Além disso, o Presente transmite ao Pretérito Composto um valor inacabado (Ex: Este ano tenho estudado muito.)

Segundo Maria Helena Ançã (1990: 72), o Pretérito Perfeito Composto diz respeito a um acontecimento que começa no passado e se arrasta até ao Presente, podendo ultrapassá-lo e, assim, este acontecimento pode ser limitado temporalmente da seguinte forma:

- a) Com limite inicial indeterminado – A Maria tem ido à escola.
- b) Com limite final indeterminado e, deste modo, excedendo o tempo presente – Tenho comprado o jornal no quiosque do Sr. António.
- c) Com limite final determinado (o limite é marcado por um deíctico) – **Até hoje** tem estado sol.

O Pretérito Perfeito Composto pode ainda apresentar um valor hipotético se for introduzido por “Se” (Ex: Se tens estudado ontem, hoje descansavas mais), sendo esta forma utilizada essencialmente na linguagem oral.

Maria Helena Ançã refere ainda que “O acabamento surge em casos muito restritos. Na expressão ‘tenho dito’, por ex. que acompanha o encerramento de um discurso ou sessão” (1990: 73) (Ex: Tu jantarás connosco. Não se fala mais no assunto. Tenho dito.)

Para terminar, o Pretérito Perfeito Composto pode ser acompanhado por advérbios que se relacionam com o Presente como o são os seguintes: ultimamente/ nos últimos dias, nos últimos meses/ anos, nas últimas horas/ semanas, nestes últimos dias, até agora, até hoje, até ao presente.

3.3. Pretérito Perfecto Simple

Assim como referimos anteriormente, este tempo verbal é também apelidado de *Pretérito Indefinido*. Na realidade, esta última designação é a mais usual. No entanto, uma vez que o nosso trabalho procura a distinção dos tempos Pretéritos Perfeitos Simples e Compostos em Português e Castelhana, optámos por adoptar esta nomenclatura.

O *Pretérito Perfecto Simple* é utilizado para narrar acções no passado que se localizam num período de tempo determinado, por exemplo, “Hace dos años”. Estas acções são pontuais, mas podem repetir-se, desde que seja identificado o número de

vezes que estas se repetem e não sejam vistas como hábitos ordinariamente repetidos. O *Pretérito Indefinido* serve também para ordenar una serie de coisas ou acções (Ex: “Ayer *llegué* a las 8h, *comí* a las 9h y me *acosté* a las 11h.”). O *Pretérito Perfecto Simple* quando é usado em verbos ou expressões como “saber”, “conocer”, “enterarse de”, “darse cuenta de”, remete-nos para o momento preciso em que algo acontece.

No que diz respeito à sua construção, como já indicámos, existe uma terminação para a primeira conjugação e outra terminação para a segunda e para a terceira conjugações. O *Pretérito Indefinido* abarca muitos verbos irregulares. Assim, observemos agora a morfologia de alguns deles:

- O verbo “poder” muda a vocal “o” de Infinitivo para a vocal “u”, fazendo assim a sua conjugação da seguinte forma:

Yo pude

Tú pudiste

Él/ Ella/ Usted pudo

Nosotros pudimos

Vosotros pudisteis

Ellos/ Ellas/ Ustedes pudieron

- O verbo “venir” substitui a vogal “e” pela vogal “i”:

Yo vine

Tú viniste

Él/ Ella/ Usted vino

Nosotros vinimos

Vosotros vinisteis

Ellos/ Ellas/ Ustedes vinieron

- O verbo “pedir” (a vocal “e” muda para “i”), assim como o verbo “dormir” (a vocal “o” muda para “u” e “leer” (as terminações –ió e –ieron mudam para –yó e –yeron para que a vocal –i não fique entre duas vocais) são irregulares nas terceiras pessoas:

Yo	pedí	dormí	leí
Tú	pediste	dormiste	leíste
Él/ Ella/Usted	pidió	durmió	leyó
Nosotros	pedimos	dormimos	leímos
Vosotros	pedisteis	dormisteis	leísteis
Ellos/Ellas/Ustedes	pidieron	durmieron	leyeron

- O verbo “ser” e “ir” constroem-se da mesma forma:

Yo fui
Tú fuiste
Él/Ella/Usted fue
Nosotros fuimos
Vosotros fuisteis
Ellos/Ellas/Ustedes fueron

- O verbo “andar”, assim como o verbo “estar” (“Yo estuve”) constrói-se da seguinte forma:

Yo anduve
Tú anduviste
Él/Ella/Usted anduvo
Nosotros anduvimos
Vosotros anduvisteis
Ellos/Ellas/Ustedes anduvieron

- Ao verbo “traer” acrescenta-se a consoante “j” (“yo traje”).
- No verbo “decir” a vogal “e” passa a “i” e a consoante “c” muda para “j” (“yo dije”).
- No verbo “saber”, as letras “ab” mudam para “up” (“yo supe”).
- No verbo “conducir”, as letras “uc” mudam para “uj” (“yo conduje”).

Muitos verbos seguem as irregularidades acima definidas. Estes verbos são os seguintes:

- “tener” (“yo tuve”) e “poner” (“yo puse”) conjugam-se como “poder”;
- “querer” (“yo quise”), “hacer” (“yo hice”) e “dar” (“yo di”) conjugam-se como “venir”;
- “reírse” (“él se rió, ellos se rieron”), “seguir” (“él siguió, ellos siguieron”), “sentir” (“él sintió, ellos sintieron”) e “mentir” (“él mintió, ellos mintieron”) conjugam-se como “pedir”;
- “surgerir” (“él sugirió”) conjuga-se como “preferir” (“él prefirió”), isto é, são irregulares nas terceiras pessoas, mudando a vogal “e” para “i”;
- “morir” (él murió) conjuga-se como “dormir”;
- “caer” (él leyó) conjuga-se como “leer”;
- “distraerse” (“yo me distraje”) conjuga-se como “traer”;
- “caber” (“yo cupe”) conjuga-se como “saber”;
- “conducir” (“yo conduje”), “traducir” (“yo traduje”) e “producir” (“yo produje”) conjugam-se todos da mesma forma, ou seja, acrescenta-se a consoante “j” ao radical.
- Por fim, “construir” (“él construyó”), “destruir” (“él destruyó”) e “sustituir” (“él sustituyó”) constroem-se como “huir”.

Para terminar, podemos ainda destacar alguns advérbios que acompanham o *Pretérito Indefinido*: *ayer, el lunes pasado, anoche, el día 10, durante, una mañana, hace tiempo, en 1977*. Estes são advérbios que indicam um momento pontual no passado e, por isso, acompanham o *Pretérito Perfecto Simple*.

3.4. *Pretérito Perfecto Compuesto*

O *Pretérito Perfecto Compuesto* é muitas vezes apelidado de *Pretérito Perfecto* em Castelhana. Como já expusemos, este tempo verbal constrói-se com o Presente do Indicativo do verbo *haber* mais o Particípio passado do verbo principal. O Particípio passado da primeira conjugação faz a sua terminação em -ado, a segunda e terceira conjugações terminam em -ido. No entanto, existem alguns Particípios passados irregulares. Observemos essas irregularidades:

ABRIR	Abierto	IMPRIMIR	Impreso	RESOLVER	Resuelto
CUBRIR	Cubierto	PONER	Puesto	DECIR	Dicho
HACER	Hecho	ROMPER	Roto	ESCRIBIR	Escrito
DESCUBRIR	Descubierto	TRAER	Traído	VOLVER	Vuelto
MORIR	Muerto	VER	Visto		

Além dos Particípios irregulares identificados, existem outros que seguem a mesma irregularidade, observemos:

- “suponer” (“supuesto”), “proponer” (“propuesto”) e componer (“compuesto”) fazem o Particípio da mesma forma que o verbo “poner”;
- “predecir” (“predicho”) e “contradecir” (“contradicho”) fazem o Particípio da mesma forma que “decir”;
- “deshacer” (“deshecho”) e rehacer (“rehecho”) fazem o Particípio da mesma forma que “hacer”;
- “describir” (“descrito”) faz o Particípio da mesma forma que “escribir”;
- “devolver” (“devuelto”), “resolver” (“resuelto”) e “envolver” (“envuelto”) fazem o Particípio da mesma forma que “volver”.

No que diz respeito aos usos deste tempo verbal, este tempo verbal é usado para expressar acções que começam no passado, mas ainda não terminaram, isto é, fazem parte do presente do falante (Ex: “Este mes he trabajado mucho.”). Por este motivo, o *Pretérito Perfecto Compuesto* é acompanhado por marcadores presentes como “hoy”, “esta semana/ mañana/...”, “este año/mes/...”, “últimamente”, “hasta hoy/ahora”, “Nunca/ Siempre”, “Todavía no”, “Alguna vez”, “A veces” entre outros que do mesmo modo se relacionam com o Presente. Além deste uso, o *Pretérito Perfecto* também é utilizado para assinalar no Presente os resultados das acções passadas (Ex: “¡Cómo ha crecido este niño!”). O *Pretérito Perfecto* também admite a ausência do marcador temporal, expressando assim uma acção que ainda não terminou e não determinando o momento em que ocorre (Ex: “- Me gustan tus guantes. - Pues me han costado muy poco.”). Para terminar, há ainda a destacar o uso dos marcadores “hace un mês/ años/ unos días/ ...”, pois estes marcadores podem acompanhar o *Pretérito*

Perfecto ou o *Pretérito Indefinido* dependendo se o falante considera que acções ocorreram dentro do tempo presente (Ex: “Hace dos minutos que se há ido.”) ou fora deste (Ex: “Hace dos minutos que se fue.”). Do mesmo modo também os marcadores “Nunca”, “Siempre”, “Alguna vez” podem acompanhar o *Pretérito Indefinido* se existe outro marcador que os situe no tempo (Ex: “Siempre, cuando tenía três años, fui a casa de mis tios”).

3.5 Confronto entre os Pretéritos

Nalgumas línguas existe uma oposição meramente formal entre o Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Perfeito Composto, como é o caso do francês moderno em que o *Passé Composé* lidera, substituindo quase completamente o *Passé Simple*. Este não é o caso das Línguas Portuguesa e Castelhana, pois em ambas as línguas os dois Pretéritos são utilizados, ainda que nem sempre nas mesmas condições.

Na origem das duas línguas a analisar neste trabalho está a Língua Latina. Em Latim, a forma simples do Pretérito Perfeito é *amavi*. Por sua vez, o Pretérito Perfeito Composto é *habeo amatum*.

Como podemos ver, no que diz respeito à sua construção, a forma castelhana do *Pretérito Perfecto Compuesto* manteve a raiz latina, ou seja, o uso do auxiliar *haber*. Por sua vez, em Português actualmente usamos o verbo auxiliar *ter* que substitui por completo o auxiliar *haver* neste tempo verbal. Ainda quanto à construção deste tempo em ambas as línguas, o Particípio regular é igual nas duas línguas e no que diz respeito aos Particípios irregulares estes também são muito semelhantes, por exemplo, o Particípio de “abrir” é “abierto” em Castelhana e “aberto” em Português. Como podemos detectar, na construção destes tempos do passado a principal diferença diz respeito ao verbo auxiliar. No que se refere aos usos, nas duas línguas este tempo verbal serve para expressar acções que começaram no passado e se prolongam até ao presente, podendo fazer parte do presente do falante ou ultrapassá-lo; assinalam no presente os resultados das acções passadas; e, apesar de em ambas as línguas este tempo ser normalmente acompanhado por marcadores como “ultimamente”, “hoje”, “esta semana”, isto é, marcadores de presente, em muitos casos também se utiliza com a ausência do marcador, por exemplo, quando a acção ultrapassa o presente. Conquanto existe um uso em Português que em Castelhana não nos parece muito comum, referimo-nos ao valor hipotético próprio da oralidade, por exemplo, “Se tens trabalhado nas

férias, hoje tinhas dinheiro”. Estes são os usos que analisámos ao longo do nosso trabalho e que provêm de opiniões de diversos autores e também da gramática geral de cada língua. No entanto, nós acreditamos que existem algumas diferenças mais. Baseados na experiência que temos enquanto falantes de Português como Língua Materna e enquanto falantes de Castelhana como Língua Estrangeira, pensamos que em Castelhana o tempo verbal é usado de forma mais ampla. Quando fazemos esta afirmação referimo-nos a duas questões. Por um lado, o Pretérito Perfeito Composto usa-se mais frequentemente em Castelhana do que em Português. Por outro lado, o *Pretérito Perfecto Compuesto* usa-se com alguns marcadores em Castelhana cuja construção não é muito habitual em português. Por exemplo, “Nunca he trabajado tanto” por oposição a “Nunca tenho trabalhado tanto”. A segunda frase soa-nos um pouco agramatical, embora a primeira seja perfeitamente aceite na língua de Cervantes. O marcador “Nunca” é usado com o *Pretérito Perfecto Compuesto* porque indica uma continuidade até ao presente. No entanto, em Português não se usa com o Pretérito Perfeito Composto. Desde o nosso ponto de vista isto acontece porque existe uma pequena diferença entre o *Pretérito Perfecto Compuesto* e o Pretérito Perfeito Composto e essa diferença é resultante do verbo auxiliar. O verbo *ter* indica uma continuidade quando acompanhado com o Particípio que começa no passado e se prolonga até ao momento presente. No entanto, a continuidade transmitida pelo verbo *haber* parece-nos menor, tendo nesta medida um valor mais próximo do *Pretérito Indefinido* e, talvez por esse motivo, o uso do Pretérito Perfeito Composto seja mais frequente em Castelhana do que em Português. Para terminar, existe uma diferença entre estes dois verbos no que diz respeito à sua nomenclatura, pois quando em Castelhana dizemos *Pretérito Perfecto* referimo-nos ao *Pretérito Perfecto Compuesto*. Por outro lado, quando em Português dizemos Pretérito Perfeito, referimo-nos ao Pretérito Perfeito Simples.

Relativamente ao Pretérito Perfeito Simples, como já destacámos, em Português pode ser apenas chamado de Pretérito Perfeito. Por outro lado, em Castelhana, o *Pretérito Perfecto Simple* pode ser nomeado de *Pretérito Indefinido*. Em ambos os casos, o Português e o Castelhana, o Pretérito Perfeito Simples é usado para nos referirmos a uma acção pontual que começou e acabou no passado, estando esse período de tempo determinado. Estas acções admitem a repetição desde que sejam identificadas e não se tornem hábitos. Este tempo verbal é também usado em ambas as línguas para indicar uma sucessão de factos e a simultaneidade com outro

acontecimento. No entanto, o Pretérito Perfeito Simples em Português pode ser acompanhado por advérbios temporais que a Língua Castelhana não admite, pois nestes casos o Castelhana aplicaria o *Pretérito Perfecto Compuesto* e, nesta medida, vemos como o Pretérito Perfeito Composto está muito mais presente em Castelhana do que em Português. Alguns dos casos que em Português se aplicaria o Pretérito Perfeito Simples e em Castelhana o *Pretérito Perfecto Compuesto* são os seguintes: “**Hoje** fui passear” (“Hoy he ido a pasear.”) e “**Há dois anos** comprei uma casa.” (“**Hace dos años** he comprado una casa.”) (em Castelhana, neste caso, também é admitido o *Indefinido*). Os advérbios temporais “Nunca” e “Sempre” também podem divergir em certa medida: “**Nunca** comprei um carro.” (“**Nunca** he comprado un coche”), “Sempre tive sorte.” (“Siempre he tenido suerte.”). Por um lado, em Castelhana “Sempre” e “Nunca” utilizam-se com o *Pretérito Perfecto Compuesto* porque implica que o tempo referido se prolongue até ao presente e possa até ultrapassá-lo. Por outro lado, em Português usa-se o Pretérito Perfeito Simples porque nos referimos a verdades inquestionáveis e, como tal, recorre-se ao tempo absoluto (Maria Henriqueta Campos) (1997: pp. 28, 29)².

Em suma, o Pretérito Perfeito Simples é o mais usual em Português. No entanto, em Castelhana a presença do *Pretérito Perfecto Compuesto* é ainda bastante intensa, ao contrário do que acontece em muitos países que começaram por se afastar da raiz latina nesta medida, por exemplo, o caso do Francês moderno e um pouco, ainda que não tanto, o Português.

² Francisco Solano Constancio apelidava o Pretérito Perfeito Simples de Pretérito Definido ou Absoluto e apelidava de Pretérito Indefinido o Pretérito Perfeito Composto.

Parte II

Análise dos Pretéritos Perfeito Simples e Composto em Manuais de Língua Materna (Português e Castelhana)

Nesta parte da nossa dissertação, inicialmente, apresentaremos os manuais a analisar. No segundo capítulo procederemos à análise dos mesmos, mas de forma individual. No terceiro capítulo confrontaremos as metodologias e estruturas usadas em cada um dos manuais e, por último, exporemos alguns exercícios por nós elaborados e que poderão servir de sugestão ao ensino/ aprendizagem do Pretérito Perfeito Simples e Composto em Português e Castelhana.

Capítulo 1

Apresentação dos Manuais a Analisar

Os manuais que optámos por analisar são, no que diz respeito à Língua Portuguesa, o manual *Plural* de 7.º ano, e, relativamente ao Castelhana, o manual *Lengua castellana y Literatura* do primeiro ano da ESO (Enseñanza Secundaria Obligatoria).

As autoras do manual *Plural* são Elisa Costa Pinto e Vera Saraiva Baptista e a editora é a “Lisboa Editora”. Este é o manual utilizado pela nossa turma de estágio de 7.º ano na Escola Secundária Campos Melo e, por este motivo, entre outros decidimos utilizá-lo para a nossa análise comparativista. Além de ser o manual usado pela nossa turma de estágio, este manual pareceu-nos bastante interessante porque parte de textos literários, narrativos ou poéticos para a exploração de conteúdos gramaticais que são sistematizados com o recurso a esquemas. O manual *Plural* é acompanhado por um livro de exercícios, um CD, o livro do professor, o livro de Luísa Dulca Soares, “Crime no Expresso do Oriente” e transparências sobre alguns conteúdos gramaticais.

No que diz respeito ao manual *Lengua castellana y Literatura*, os autores são Ricardo Lobato Morchón e Ana Lahera Forteza. Este manual é da editora “Oxford Educación” e optámos por escolhê-lo devido à diversidade de esquemas e exercícios disponíveis. Além disso, este é um manual com cores chamativas e uma boa organização, atraindo assim a atenção das crianças que o usam, isto é, alunos com cerca de 12 anos de idade, uma vez que a ESO abrange alunos entre os 12 e os 16 anos. Este manual é acompanhado por um CD. Ao restante material, próprio do professor, não nos foi possível ter acesso.

Os dois manuais destinam-se a alunos de aproximadamente 12 anos. No sistema escolar português, um aluno com esta idade encontra-se no 7.º ano de escolaridade, o que em Espanha corresponde ao 1.º ano da ESO. Selecionámos estes dois manuais segundo um nível de correspondência programática, isto é, quanto aos conteúdos inseridos em cada manual. Contudo, também os níveis etários e de escolaridade são respectivos.

Capítulo 2

Análise dos Manuais

2.1. O Manual *Plural*

Este manual apresenta uma organização coerente e funcional que se estrutura na perspectiva do aluno. O seu índice é organizado por sequências de aprendizagem e cada uma dessas sequências tem o título de vários textos, assim como o seu autor. Além da identificação dos textos, está presente a indicação do tipo de texto, os conteúdos (de leitura e funcionamento da língua) relacionados com cada texto e as actividades propostas para cada um dos textos e temas apresentados. Deste modo, como podemos observar, a temática que nos interessa, ou seja, o estudo do Pretérito Perfeito Simples e Composto aparecerá relacionado com os textos. Esta metodologia apresenta-se facilitadora e enriquecedora da aprendizagem para o aluno do mesmo modo que estimula a autonomia e a criatividade através das actividades sugeridas e motiva para o saber e para o recurso a outras fontes de conhecimento. Este manual procura adequar-se ao desenvolvimento das competências definidas no currículo do respectivo ano e/ou nível de escolaridade, assim como procura responder aos objectivos curriculares de forma a promover uma educação para a cidadania. Da mesma forma, tem ainda a preocupação de explicitar as aprendizagens essenciais. Ao nível da comunicação entre o aluno e o manual, a sua concepção facilita a sua utilização e motivam o aluno para a aprendizagem. No entanto, parece-nos que a organização gráfica poderia estar ligeiramente melhor de forma a captar a atenção do aluno, embora os tipos de ilustrações estejam adequados aos temas a tratar.

Em relação à metodologia utilizada, estamos convictos que os métodos utilizados não dizem respeito a uma única metodologia. Em primeiro lugar, acreditamos que está presente a Metodologia Directa. Esta metodologia propõe actividades aos alunos que implicam a compreensão de textos e exercícios de gramática, a transformação de textos de base, efectuar substituições e reempregar as formas gramaticais. Estes exercícios devem ser de resposta fechada, sendo primeiramente feita a preparação oral dos exercícios e, muitas vezes, seguindo um modelo proposto. Em segundo lugar, a Metodologia Audiovisual também está presente neste manual. Tal afirmação confirma-se com o recurso ao CD e às transparências que acompanham este

manual de forma a facilitar a aprendizagem do aluno. Por último, estamos crentes que também a Metodologia Comunicativa é evidente neste instrumento de trabalho. Esta convicção advém do facto de a gramática ser vista com um fim comunicativo, isto é, as actividades de gramáticas estão ao serviço da comunicação. Esta metodologia procura também que o aluno descubra as regras de funcionamento da língua através de exercícios práticos, da reflexão e da elaboração de hipóteses. Nesta medida, o empenho do aluno na abordagem comunicativa é fulcral, estando a aprendizagem centrada nele. Uma vez que o aluno possui um certo livre arbítrio nesta metodologia, são também bem vistos os trabalhos em grupo. Além disso, o erro é visto como um processo natural de aprendizagem e o professor passa a guiar o aluno no seu trabalho, facilitando-lho. Independentemente da metodologia usada, o mais importante será o estado de espírito do aluno, isto é, a sua predisposição para aprender.

Como já referimos, este manual é acompanhado pelo caderno do aluno. Este suplemento sistematiza os conteúdos gramaticais observados ao longo do manual e permite a prática de exercícios para sistematizar os conhecimentos. No anexo I temos uma sistematização dos conceitos essenciais relativos ao verbo. Neste ponto do caderno do aluno, o manual *Plural* distingue as três conjugações verbais, fala da flexão verbal e da subclasse dos verbos. No que diz respeito à subclasse dos verbos distingue-se o verbo principal do verbo copulativo e do verbo auxiliar. Dentro de cada uma destas divisões classificam-se os vários tipos de verbos, por exemplo, os verbos transitivos directos e indirectos e os verbos auxiliares dos tempos compostos. No que diz respeito a este último, aos auxiliares dos tempos compostos, é explicada a construção do Pretérito Perfeito Composto e é dado um exemplo. No que diz respeito à flexão verbal, em primeiro lugar, faz-se a divisão dos três tempos naturais, o passado (sendo identificado o Pretérito Imperfeito, Pretérito Perfeito e Pretérito Mais-que-perfeito), o presente e o futuro; são explicados os modos que existem na Língua Portuguesa; explicam-se as formas nominais (Infinitivo impessoal, Gerúndio e Particípio passado); elabora-se um quadro síntese dos tempos aprendidos; estudam-se os tempos compostos, onde está inserido o Pretérito Perfeito Composto; expõem-se as variações quanto à pessoa e ao número; e, por último, subdividem-se os verbos em regulares e irregulares, verbos com duas formas de Particípio passado, verbos defectivos e pronominais.

No anexo II podemos encontrar alguns exercícios de aplicação que estão disponibilizados aos alunos no caderno de exercícios. Todas as actividades apresentadas têm como objectivo a aprendizagem do aluno segundo uma Metodologia Comunicativa,

isto é, o aluno deve chegar às suas próprias conclusões através da resolução dos exercícios. Além deste facto, há a ressaltar os exercícios com o Pretérito Perfeito Simples e Composto. O exercício número cinco apresenta um texto a partir do qual se devem desenvolver algumas actividades relacionadas com os verbos. Uma das actividades propostas é a selecção dos verbos no Pretérito Perfeito Simples no texto, por oposição ao Pretérito Imperfeito para que, deste modo, os alunos consigam distinguir a morfologia e usos das formas verbais. Este é um exercício de preenchimento de espaços, uma vez que exige a construção de duas colunas, uma para o Pretérito Perfeito e outra para o Pretérito Imperfeito. O exercício número sete é também direccionado para o Pretérito Perfeito Composto. Neste exercício os verbos estão num quadro e divididos por três tempos: o Presente, o Pretérito Imperfeito e o Pretérito Perfeito Composto. A cada um dos tempos estão associadas várias formas verbais e só uma delas está colocada no sítio correcto. Deste modo, os alunos devem identificar qual está certa e preencher o quadro correctamente. Este tipo de exercício, de associação, exige aos alunos que pensem antecipadamente na construção de cada tempo e elaborem mental ou oralmente uma comparação das formas verbais.

Os exercícios do caderno do aluno, em princípio, servirão para que este sistematize e consolide em casa a matéria estudada na aula, pois o manual tem também exercícios de prática sobre os conteúdos gramaticais, mas estando estes associados, como já referimos, a textos. O anexo III consiste num desses exercícios. Neste material encontramos um texto de Catarina Fonseca intitulado “O Fenómeno”. A partir deste exploram-se os conteúdos de funcionamento da língua e entre eles está o Pretérito Perfeito Simples. Este exercício é semelhante ao exercício sete do anexo II, é um exercício de associação no qual as formas verbais estão colocadas no lugar errado e devem pôr-se em associação com o tempo certo, o qual pode ser o Presente, o Pretérito Perfeito, o Pretérito Imperfeito e o Pretérito Mais-que-perfeito. Através do recuso ao texto, os alunos podem compreender o uso empregue a cada um dos tempos, uma vez que observam o contexto em que as formas verbais estão inseridas.

O anexo IV também faz parte do manual *Plural* e expõe o funcionamento da língua da mesma forma, assim como acontece ao longo de todo o manual, isto é, em primeiro lugar temos novamente um texto, neste caso um excerto da obra *Aparição* de Vergílio Ferreira, intitulado “O Ladrão” e, segundo esta narrativa, exploram-se os tempos verbais. O exercício número três expõe aos alunos um excerto do texto com os verbos admitindo um valor de passado e estes devem ser postos no presente. Este

exercício, de remodelação/ reconstrução de frases, permite que o aluno reveja os vários tempos estudados e a sua construção, do mesmo modo, é útil para a compreensão das noções dos três tempos naturais: passado, presente e futuro. Além disso, este tipo de exercício confere linhas orientadoras ao aluno para que este o consiga resolver individualmente, isto é, apenas guia o seu trabalho de forma construtiva. Neste mesmo anexo, o exercício quatro remete para o primeiro parágrafo do texto e solicita aos alunos que estes construam um quadro verbal com todos os verbos que se encontrem nesta parte do texto, dividindo-os em conjugações e verbos regulares e irregulares. Este tipo de exercício permite ao aluno rever a divisão no que diz respeito às conjugações, à flexão verbal e às subclasses dos verbos.

O anexo número VI, uma vez mais partindo de um texto, neste caso, de Augustín Fernández Paz que se intitula “Viajante no Espaço”, explora dois exercícios relativos aos verbos no passado. No exercício número um é retirada do texto uma frase com verbos sublinhados no Pretérito Perfeito. Esta frase dá origem a três exercícios, sendo que o primeiro pede para partir da forma sublinhada e identificar o Infinitivo. Em segundo lugar, é necessário que o aluno indique a pessoa, tempo e modo em que está cada uma das formas verbais. E, por último, o aluno tem de escrever a frase com um valor de presente. Acreditamos que este tipo de exercícios solicita o trabalho independente e autónomo do aluno e, além disso, elabora uma correlação entre os tempos e modos verbais, podendo servir para que o professor faça, no final da resolução do exercício, uma revisão dos tempos e modos que o aluno já deve conhecer. No último exercício, ou seja, no exercício número quatro o aluno deve reescrever frases partindo de um núcleo que lhe é oferecido. Este exercício trabalha a competência comunicativa do aluno, isto é, fá-lo pensar quando e porquê usa determinado tempo verbal na linguagem escrita e oral.

Em suma, como pudemos comprovar com a análise dos exercícios existentes neste manual relativos ao Pretérito Perfeito Simples e Composto, o tipo de exercícios desenvolvido para inserir num manual deve estar enquadrado no contexto etário do aluno, no seu nível de competência e deve ser tida em conta a forma mais fácil de apreender os conhecimentos. O Método Tradicional exigia ao aluno o recurso à memorização de forma a dominar a morfologia e a sintaxe, assim como listas de vocabulário e propunha ditados para que os alunos, através da repetição memorizassem o seu erro. A rigidez neste método denotava-se não só no tipo de exercício e de ensino mas também na figura do professor. Como pudemos observar, nesta nova prática

metodológica (comunicativa), o professor surge como um mediador, orientador e facilitador do trabalho do aluno. O aluno deve trabalhar para alcançar as suas próprias conclusões sem que as respostas lhe sejam dadas. No entanto, a esta metodologia faltaria um apoio teórico, o que não acontece neste manual uma vez que o tem à disposição do discente o caderno do aluno.

2.2. O Manual *Lengua Castellana y Literatura*

Este manual de Língua Materna encontra-se organizado por unidades. São doze as unidades que o compõem. Cada uma delas inclui seis pontos fulcrais: 1) Hablar, Leer y Escribir; 2) Literatura; 3) Lengua; 4) Ortografía; 5) Ideas Claras; 6) Actividades de Evaluación. Ao contrário do que acontece no manual de Língua Materna *Plural*, este manual de Castelhana inclui todo o estudo relativo ao verbo em duas unidades, a unidade número seis e a unidade número sete. Todas as unidades deste manual são organizadas da mesma forma. Em primeiro lugar são apresentadas as unidades a partir de uma ilustração alusiva a filmes de animação que dão origem a algumas questões diagnósticas sobre o que se vai tratar ao longo da unidade e são trabalhadas as competências de comunicação, leitura e escrita que utilizam muitas vezes actividades de audição que facilitam a compreensão e expressão oral. Ainda nesta parte existe a exploração e compreensão de um texto com actividades que, mediante a leitura feita, se destinam a melhorar a expressão escrita. “Hablar, Leer y Escribir” suporta ainda uma área destinada à investigação para que os alunos possam desenvolver as suas estratégias de procura de informação e aumentar os seus conhecimentos. Por último, este ponto apresenta diversos modelos textuais. No ponto relativo à “Literatura” são expostos conteúdos relacionados com o conceito de texto literário, por exemplo, lendas, mitos e contos e são elaboradas actividades relativas a estes temas. Na quarta parte de cada unidade, ou seja, na “Língua” expõem-se informações sobre os conteúdos gramaticais a estudar em cada unidade e também inclui uma página de actividades de revisão do aprendido. Em seguida, existe uma página relativa à “Ortografía” que se relaciona, por exemplo, com o uso das letras, da pontuação e acentuação. Em quinto lugar é feita uma sistematização da temática e gramática apreendida para que o aluno fique com uma ideia clara da matéria estudada. Por último, existe uma “Actividade de avaliação” para comprovar os conteúdos apreendidos e os que resultam mais difíceis.

Deste modo, observemos o que tratam cada uma das unidades que vamos estudar no que diz respeito à Língua. A unidade seis trata o conceito de verbo, o número e a pessoa verbal, as formas impessoais e as formas simples e compostas no que diz respeito aos pontos relativos à língua, ou seja, à competência linguística/ gramática. A unidade sete, por sua vez, trata a conjugação verbal e dentro desta estuda o modo Indicativo e o modo Conjuntivo e, no último ponto, os verbos irregulares. Deste modo, como podemos observar, os tempos que para este trabalho nos interessam, o *Pretérito Perfecto Simple* e o *Pretérito Perfecto Compuesto*, são estudados conjuntamente com os restantes tempos verbais e só nas actividades de revisão sobre cada ponto referente à “Língua” e, por vezes, na “Ortografia” encontramos actividades de gramática relacionadas com o texto.

Analisemos, em primeiro lugar, a unidade número seis. Na apresentação desta unidade (anexo VI) temos uma ilustração que nos remete para os mitos e apresenta um teste diagnóstico alusivo aos mitos e ao verbo. Em relação ao verbo no Pretérito temos o exercício número quatro que é um exercício de escolha múltipla e procura apurar os conhecimentos dos alunos em relação à identificação dos tempos verbais. Este exercício, apesar de simples, torna-se bastante completo uma vez que pede aos alunos que, mentalmente, identifiquem os vários tempos verbais.

Na primeira página do anexo VII é definido o conceito de verbo e as suas flexões quanto ao tempo, ao modo, ao número e à pessoa. A partir destas definições básicas propõem-se exercícios. O único destes exercícios que se pode relacionar com o *Pretérito Perfecto Simple* o *Compuesto* é o exercício número três que pede ao aluno que conjugue os verbos em quatro formas distintas. Este tipo de exercício é bastante pedagógico, uma vez que aproveita a aprendizagem pré-adquirida do aluno para desenvolver outras aprendizagens. Na segunda página deste mesmo anexo é explicada a flexão em número e pessoa, as formas impessoais, das quais destacamos o Particípio passado que será utilizado na construção do *Pretérito Perfecto Compuesto*. Na página seguinte deste anexo é feita a divisão entre forma simples e forma composta. Neste ponto os alunos têm o primeiro contacto com o *Pretérito Perfecto Compuesto* ainda que não saibam o seu nome, apenas sabem que é uma forma verbal composta por um verbo auxiliar e por um Particípio. Nesta página, no exercício nove, os alunos têm de detectar as formas verbais e, no exercício dez, dividi-las entre formas simples e compostas. Na última página deste anexo temos as actividades de revisão que têm como base um texto intitulado “Corazón de Hierro” de Victor Mora. Nos exercícios que lhe dizem respeito

os alunos devem identificar as formas verbais do texto, o número e pessoa destas, e dividi-las entre formas simples e compostas. Deste modo, assim como se verificou ao longo de toda a unidade, os tempos verbais vão sendo estudados segundo uma raiz em comum, ou seja, os aspectos que os unem e que dizem respeito ao verbo até à sua separação entre formas simples e compostas. Para terminar a unidade número seis é feita uma sistematização dos conteúdos através de um mapa que começa com o conceito de verbo e se vai subdividindo até à divisão entre formas pessoais e impessoais e entre formas simples e compostas (anexo VIII).

Em segundo lugar, analisemos a unidade número sete. A apresentação (anexo IX) remete-nos para os contos. Nas questões diagnósticas, encontramos o exercício número três no qual deve ser seleccionada a forma mais correcta do verbo. Este exercício permite aos alunos contextualizar as duas formas verbais e compreender o porquê de uma estar correcta e a outra não.

No anexo X temos a conjugação verbal. No primeiro ponto encontramos o modo Indicativo e sua divisão em tempos, isto é, quantos tempos existem das formas simples e quantos das formas compostas. Nesta explicação os alunos entram, pela primeira vez, em contacto com o nome de cada tempo verbal, pois ainda que já conhecessem as formas, não sabiam identificá-las. Nesta mesma página encontramos algumas actividades para praticar. No primeiro exercício, os alunos devem, a partir do exemplo dado, construir a regra para a segunda e terceira conjugações. No segundo exercício, os discentes devem identificar o verbo quanto à pessoa, conjugação, número, tempo, modo e o Infinitivo do verbo. Este exercício permite aos alunos ter uma visão global do sistema verbal espanhol. No terceiro exercício é necessário conjugar os verbos indicados no tempo e modo pedidos. Este exercício recorre um pouco ao Método Tradicionalista, em relação à memorização. O último exercício exige que os alunos conjuguem os verbos de um texto no tempo correcto. Este exercício de reformulação de frases parece-me bastante positivo, uma vez que apela à comunicação oral, isto é, exige ao aluno a compreensão do uso de determinado tempo. No ponto três deste mesmo anexo (X) são expostos os verbos irregulares mais utilizados, o verbo *ser* e o verbo *ir*, nos tempos verbais estudados. Nas actividades desta página, os alunos devem reformular os quadros apresentados mas com outros verbos, para assim estudarem e compreenderem as terminações dos verbos e devem preencher um quadro com os participípios irregulares dos verbos para, assim, conseguirem conjugar os tempos compostos. O exercício número doze diz respeito à reestruturação/ reformulação de

frases. O exercício número treze pede que os alunos conjuguem alguns verbos no *Pretérito Perfecto Simple* e no *Pretérito Imperfecto* para que possam opor estes dois tempos. Este exercício tem a sua continuação no exercício seguinte que exige a construção de uma frase com um dos verbos conjugados e nos dois tempos indicados no exercício treze. Para terminar esta unidade, no anexo XI, temos a sistematização da conjugação verbal em Castelhana que acrescenta ao que os alunos já sabiam da unidade anterior o nome dos modos e tempos verbais, associando-os às suas formas verbais.

Este manual, apesar de diferente do manual de Português Língua Materna que estudámos, apresenta uma organização coerente e funcional com diversos tipos de exercícios de forma a estar direccionado para o aluno, facilitando e enriquecendo-lhe, assim, as suas aprendizagens e estimulando a sua criatividade e autonomia, por exemplo, através de exercícios que servem como modelo para chegar a outras respostas. Além da organização que nos parece muito completa e bem estruturada, o manual estimula também o aluno pelas imagens originais e com bastante recurso à cor que são mais uma forma de estímulo e motivação para o aluno. A informação transmitida adequa-se ao desenvolvimento das competências de um aluno de doze anos, transmitindo aprendizagens essenciais e correctas. A imagem, organização gráfica, transmitida pelo manual facilita a comunicação entre este e o aluno. As ilustrações são pertinentes e estão relacionadas com os temas propostos.

No que diz respeito à metodologia utilizada, acreditamos que está presente a Metodologia Tradicional nalguns exercícios que remetem à memorização das regras como é o caso da conjugação exaustiva de alguns verbos. A Metodologia Directa está claramente presente, uma vez que se recorre à compreensão de textos, dos exercícios de gramática, à transformação a partir de textos ou ideias base e o reemprego de formas gramaticais. Desde o nosso ponto de vista, esta pode ser considerada a metodologia dominante neste manual. No entanto, a Metodologia Comunicativa também é bastante importante uma vez que o professor é visto como orientador da aprendizagem e da utilização do manual e, além disso, utiliza-se uma prática de conceituação em que o aluno é levado a descobrir, por si só as regras do funcionamento da língua. Por último, a Metodologia Audiovisual também está presente na execução deste manual e tal facto comprova-se com o recurso ao CD que acompanha o manual.

Capítulo 3

Confronto entre os Dois Manuais

Após termos analisado a forma como é estudado, compreendido e praticado o Pretérito Perfeito Simples e Composto em dois manuais de Língua Materna, um de Português e o outro de Castelhana, tirámos algumas conclusões quanto à organização e exposição destes temas.

Relativamente à metodologia utilizada em cada um dos manuais, a qual se encontra em parceria com as vivências actuais da educação, pensamos que está adequada às necessidades dos alunos e ao seu desenvolvimento mental, pois tanto no manual de Língua Portuguesa como no de Castelhana, o processo de ensino é feito de forma gradual e segundo um encadeamento muito pertinente, normalmente partindo de textos ou frases inseridas em determinado contexto.

Em primeiro lugar, no que diz respeito ao primeiro manual analisado, o *Plural*, consideramos bastante úteis as informações do caderno do aluno. Estas permitem ao aluno arrematar as informações transmitidas pelo professor na aula, assim como exercitar a matéria estudada. Também os seus esquemas são muito úteis para a compreensão e organização das ideias do aluno. No entanto, pensamos que estas informações deveriam constar no manual e não funcionarem apenas como um complemento. Acreditamos que estas são demasiado importantes para tal e, por isso, deveriam ser exploradas mais intensivamente no manual e na aula pelo professor através de outro tipo de exercícios que não estão incluídos neste manual relativamente a este tema. Uma boa proposta para o desenvolvimento deste conteúdo seria, por exemplo, o recurso a uma música onde se opusessem os dois tempos e a partir desta explorar a morfologia e funções destes tempos. A partir daqui poder-se-ia pôr em prática o aprendido, com exercícios com um grau de exigência gradual e, no final, apresentar um esquema dos conteúdos adquiridos. Pensamos que, desta forma, os alunos compreenderiam melhor os tempos do passado, mais concretamente, o Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Perfeito Composto. Deste modo, estamos convictos que a abordagem feita por parte deste manual aos tempos referidos não é de todo suficiente para que os alunos adquiram as competências em questão. Além disso, este conteúdo gramatical, assim como todos os outros presentes neste manual, vai sendo avaliado ao longo do livro, o que não nos parece favorável à aprendizagem do aluno, uma vez que

esta é uma abordagem muito superficial. Este tipo de abordagem, desde o nosso ponto de vista, seria pertinente para alunos de um nível superior, ensino secundário, uma vez que nessa etapa apenas são necessárias revisões da gramática que deveria ser estudada mais intensivamente ao longo do segundo e terceiro ciclos do ensino básico. Apesar desta opinião, acreditamos que os exercícios que estão apresentados ao longo do manual são bastante úteis e pertinentes. Somos da opinião de que o facto dos exercícios de funcionamento da língua estarem sempre inseridos no manual a partir de um texto é muito favorável, pois, deste modo, os alunos poderão compreender o contexto em que os conteúdos a estudar estão inseridos.

Em segundo lugar, em relação ao manual *Lengua Castellana y Literatura* somos da opinião de que a forma como são expostos o *Pretérito Perfecto Simple* e o *Pretérito Perfecto Compuesto* é muito boa. Existem vários aspectos que consideramos fundamentais na forma como este conteúdo é explorado neste manual, mas vamos apenas destacar os essenciais. Primeiramente, parece-nos muito importante que sejam dedicadas duas unidades ao estudo do verbo e, em concreto, dos *Pretéritos Perfecto Simple* e *Compuesto*, os quais aparecem relacionados com uma temática de cultura ou literatura. Seguidamente, é de extrema relevância o recurso a pequenos testes diagnósticos no início de cada unidade, uma vez que estes permitem usufruir das informações que o aluno possui para desenvolver os conteúdos que necessitam ainda aprender. Depois, a exposição do conteúdo linguístico a analisar relacionada com actividades a desenvolver é muito positiva, uma vez que esse processo é gradual, isto é, à medida que se aprende um aspecto da língua, realiza-se um ou mais exercícios sobre tal. As actividades de revisão da matéria dada são outra mais-valia que permite sistematizar o apreendido. Esta sistematização é colmatada com os esquemas relativos à língua que aparecem no final das unidades.

Em relação à comparação destes dois manuais no que diz respeito aos verbos do passado estudados e à organização dos manuais pensamos que o manual de Castelhana é muito mais completo e auto-suficiente do que o manual de Português. No entanto, achamos que é sempre útil o professor organizar actividades que não estejam inseridas no manual porque torna as aulas muito menos monótonas e repetitivas e porque há que ter em conta que nenhuma turma é igual e, por isto, as aulas também não deverão ser. Ainda quanto ao cotejo destes dois manuais. O manual de Castelhana observa o seu público de forma mais pormenorizada, isto é, preocupa-se em se dedicar essencialmente ao aluno sem incluir linguagem menos acessível e oferecendo uma

disposição gráfica muito mais apelativa. Não obstante, estamos convictos que a maior diferença se revela na falta de profundidade que o manual de Português revela no que diz respeito, não só aos tempos do passado, mas em relação a todo o funcionamento da língua.

Capítulo 4

Proposta de Materiais sobre o *Pretérito Perfecto Simple* e o *Pretérito Perfecto Compuesto*

Neste capítulo resolvemos propor alguns materiais por nós realizados e que de relacionam com estas temáticas, os quais poderiam ser usados para explicar o Pretérito Perfeito Simple e Composto. Os materiais que executámos dizem respeito à Língua Castelhana. Estes encontram-se no anexo XII.

Nesta ficha pretendemos explicar os tempos do passado de forma progressiva, isto é, através de diferentes passos que permitem o aluno chegar às suas próprias conclusões sem que lhe seja dada a resposta de imediato, exigindo, assim, que o aluno pense na melhor solução e compreenda o seu porquê.

No primeiro exercício preocupamo-nos com o facto de os alunos serem capazes de fazer a simples distinção entre passado, presente e futuro. Esta é uma actividade básica que pretende que os alunos tenham um primeiro contacto com os dois tempos a estudar.

O segundo exercício tem como objectivo contextualizar o *Pretérito Perfecto Compuesto*. Deste modo os alunos podem observar quando se usa este tempo e, além disso, observar as terminações das várias pessoas. Este último ponto vem colmatar-se no exercício seguinte, uma vez que é necessária a associação entre as formas verbais e os seus sujeitos. Acreditamos que esta actividade de associação facilita a aprendizagem do aluno.

Em relação ao *Pretérito Perfecto Simple*, optámos por escolher como base de exploração deste tempo uma publicidade. A partir daqui o aluno conhecerá algumas formas do *Pretérito Perfecto Simple* e completará as restantes. Seguindo o exemplo do verbo da primeira conjugação, os alunos deverão completar os verbos seguintes, referentes à segunda e terceira conjugações.

Após compreenderem a morfologia dos dois tempos, uma vez que as formas referentes aos dois pretéritos, apareceram contextualizadas em textos ou frases, os alunos devem concluir em que situação se utiliza cada um dos tempos e perceber quais são os advérbios temporais que os acompanham. Os endereços que se encontram no final da ficha dizem respeito a um *site* que explica o *Pretérito Perfecto Simple* e o *Pretérito Perfecto Compuesto*. Acreditamos que o conteúdo destes endereços, isto é, a

explicação de cada um dos Pretéritos no final das actividades propostas será bastante pertinente na medida em que servirá para sistematizar todas as aprendizagens conseguidas através dos exercícios, tirar qualquer possível dúvida e também acrescentar mais alguma informação pertinente.

Parte III
O Nosso Estágio

Nesta terceira parte da nossa dissertação dedicar-nos-emos ao nosso estágio. Em primeiro lugar, exporemos o lugar que nos abrigou durante este ano lectivo de 2009/2010, isto é, a Escola Secundária Campos Melo. Em segundo lugar, propagaremos alguma informação sobre as turmas onde leccionámos. Em terceiro lugar, explicaremos como foram as nossas aulas assistidas. Em quarto lugar, divulgaremos algumas informações sobre os cargos que desempenhámos. Em quinto lugar, explicitaremos o trabalho elaborado ao longo dos anos três períodos lectivos. E, por último, faremos um relatório final de estágio.

Capítulo 1

A Escola

“Era uma vez uma escola onde, entre a cidade e a serra, fervilhavam novas ideias que haviam de mudar a terra” (Maria Leonor Lobo) (2009: 8)

A Escola onde tivemos o privilégio de estagiar foi a Escola Secundária Campos Melo. Esta Escola tem 126 anos! A sua raiz deve-se a uma visita de António Augusto de Aguiar a uma exposição em Inglaterra. Nesta época, a Revolução Industrial dava os primeiros passos em Portugal e, após esta visita, Augusto de Aguiar deu-se conta do progresso inglês relativamente ao atraso português. Nesta medida, apercebeu-se da necessidade de criar operários e técnicos especializados, o que exigiu a criação de escolas de ensino industrial. António Augusto Aguiar era ministro do reino e, como tal, a 6 de Maio de 1884 publicou duas portarias que admitiam o Regulamento dos Museus Industriais e Comerciais. Com os esforços do fundador José Maria Veiga da Silva Campos Melo, que exercia o cargo de industrial, a Escola Secundária Campos Melo abriu as suas portas a 16 de Dezembro de 1884.

Inicialmente a Escola esteve localizada na Rua dos Tanoeiros, actual Rua Fernão Penteado, numa casa cedida pelo patrono da Escola até que a Câmara cedesse um edifício. A 16 de Dezembro abriu com a cadeira de Desenho, a de Química abriu a 7 de Janeiro e a 8 de Janeiro inaugurou-se a cadeira de Matemática. No total, começaram a frequentar esta escola 62 alunos, dos quais 13 se integraram no curso diurno de Desenho Elementar (3 deles eram mulheres), 30 no curso nocturno de Desenho Industrial, 8 no curso de Química e 11 no de Matemática.

Este projecto que encontra na cidade da Covilhã uma localização geográfica privilegiada e uma vasta tradição na história dos tecidos em Portugal, inaugura o ensino técnico em Portugal. Até finais do século XIX, a Escola é enriquecida com novas disciplinas e técnicos especializados que vêm do estrangeiro para ensinar os portugueses. Vários foram os alunos de Tecelagem e Tinturaria que ainda hoje se associam aos têxteis. No entanto, as reformas de 1897 e 1901 trouxeram à Escola um período difícil, uma vez que os interesses económicos se sobrepõem aos técnico-pedagógicos. É por este motivo que António Arroio se desloca à Escola e procura uma série de medidas a desenvolver para combater este fracasso. Então, procurou-se um

novo plano de estudos mais audaz e voltado para o futuro; novas instalações e equipamentos adequados; escolha escrupulosa do pessoal docente. Com todas estas reformas desenvolve-se um trabalho de desafios que se prolonga até hoje.

Com a instauração da República e a criação do Ministério da Instituição Pública, o Decreto 2609E de 4 de Setembro de 1916, assinado por Bernardino Machado, autoriza o Regulamento da Organização do Ensino Elementar Industrial e Comercial. Deste modo, a Escola Industrial passa a Industrial e Comercial em 1948.

Em 1921, é criada a Escola Industrial de Campos Melo da Covilhã, retomando o prestígio que já adquirira anteriormente.

Em 1971, com o desempenho do Dr. Duarte Simões e Dr. Augusto Guimarães, é criada a experiência pedagógica da Habilitação Complementar para os Institutos Politécnicos. Esta experiência resulta na criação do Instituto Politécnico da Covilhã, o qual, em 1979, foi apelidado de Instituto Universitário da Beira Interior e, actualmente, é intitulado de Universidade da Beira Interior.

Ao longo dos anos muitos foram os cursos que abriram e permitiram formar profissionais ainda hoje conceituados no ramo têxtil.

A 25 de Março de 1985 a Escola recebeu o título de Membro Honorário da Ordem de Instrução Pública. Quando cumpriu o 120º aniversário é-lhe atribuída a Medalha de Ouro de Mérito Municipal pela Câmara Municipal da Covilhã, o qual se deveu ao seu desempenho na área da educação que permite prestigiar o Conselho da Covilhã.

Actualmente, a Escola tem 126 anos e revela-se um espaço onde o prazer em ensinar e aprender é o primeiro objectivo, o qual se faz acompanhar vivamente pelo seu dinamismo em todas as tarefas que executa e o interesse por fazer sempre mais. Foi nesta perspectiva que nos habituámos a ver a Escola Secundária Campos Melo, a qual nos fez sentir “em casa” e com todos os meios possíveis disponíveis para alargarmos a nossa formação, os nossos conhecimentos e o nosso desempenho.

A direcção da Escola Secundária Campos Melo, no ano lectivo de 2009/2010 viu-se organizada segundo a seguinte hierarquia:

Direcção da Escola

(Directora: Isabel Maria Marques de Almeida Lopes Fael)

(Sub-directora: Maria do Amparo Guerreiro de Jesus)

(Adjuntos: Jorge Wahnnon e Luís Lopes)

(Assessores: Ana Lúcia Correia, Leonor Lobo e Carlos Agnelo Silva)

(Coordenadora Pedagógica do Centro Novas Oportunidades: Maria Rosa Antunes
Macedo)

Prova do dinamismo desta equipa e de todos os professores, alunos e funcionários que criam esta instituição é a variedade de turmas que actualmente existem nesta Escola: turmas de Ensino Básico, cursos Científico-Humanísticos, cursos de Educação e Formação, Centro Novas Oportunidades, Cursos de Educação e Formação de Adultos e Cursos Profissionais.

O nosso núcleo de estágio, Português-Espanhol, teve como orientadora de Português a Dra. Maria Celeste Alves e, como orientadora de Espanhol, a Dra. Sandra Espírito Santo. O núcleo foi composto pelas seguintes estagiárias: Ana Lúcia Viegas Gonçalves, Cátia Coelho Coelho, Liliana Filipa Pais Correia e Susana Andreia Teixeira Paiva. Além do núcleo de estágio de Português-Espanhol, a escola contou com um núcleo de estágio de Educação-Física, outro de Artes e um núcleo de Filosofia.

A Escola Secundária Campos Melo, apesar dos seus 126 anos, é uma Escola que sabe manter-se actualizada, guardando as memórias de um passado glorioso, presa a um presente dinâmico e com olhos num futuro promissor.

Capítulo 2

As Minhas Turmas

Ao longo deste ano lectivo estagiámos em turmas de Português e turmas de Espanhol. Essas eram as turmas das nossas orientadoras. Na disciplina de Espanhol tínhamos três turmas. Na disciplina de Português leccionámos em duas turmas. No entanto, a nossa orientadora de Português tinha mais uma turma, na qual exercemos o cargo de auxiliares de Direcção de Turma. Com as aulas de Espanhol ficámos a conhecer o 8ºA, o 9º A e B, e o 11ºD. As turmas de 9º ano, apesar de pertencerem a dois grupos diferentes, nas aulas de Espanhol juntavam-se, formando apenas um grupo. As aulas de Português permitiram-nos conhecer o 7ºB e o 11ºB. Com as actividades de Direcção de Turma conhecemos o 11ºC.

Observemos, em primeiro lugar, as turmas de Português.

Em relação ao 7.ºB, esta turma estava inicialmente composta por 25 alunos, 14 raparigas e 11 rapazes. No entanto, devido à sua extensão e a alguma falta de empenho por parte dos alunos, era muito difícil manter esta turma concentrada. Então, alguns alunos foram transferidos para o 7ºA e entrou uma aluna nova resultando, assim, 23 alunos. As aulas com esta turma começaram por ser um pouco complicadas para todas nós, pois eram muitos e pequenos, sempre preparados para a distração. As modificações na turma vieram ajudar e notou-se uma melhoria (ainda que não muito elevada) no empenho, comportamento e desenvolvimento dos alunos que ficaram. Esta turma permitiu dar asas à nossa criatividade e ao mundo dos sonhos, uma vez que eram os mais pequenos.

Em relação ao 11ºB, inicialmente estavam inscritos a Português 21 alunos. No entanto, uma aluna nunca compareceu nas aulas desde o início do ano. Os restantes alunos, os quais nos acompanharam até ao final do ano, resumiam-se em 10 raparigas e 10 rapazes. Este foi um grupo de alunos muito colaborante nas aulas de estágio, apesar de o Conselho de Turma considerar o seu comportamento um pouco perturbador. Esta turma pertence ao Curso de Ciências e Tecnologias.

Relativamente ao 11ºC, esta não foi uma turma onde leccionámos. No entanto, auxiliámos a Directora de Turma neste cargo. Esta turma pertence ao Curso de Ciências e Tecnologias e os alunos que a compõem são 11 raparigas e 10 rapazes.

Após termos analisado a constituição das turmas de Português, vejamos as de Espanhol.

No que diz respeito ao 8ºA, inscritos na disciplina de Espanhol estão 11 raparigas e dois rapazes. Este grupo teve ao longo do ano, nas aulas de estágio, um comportamento bom e um desempenho igualmente favorável.

A junção das turmas do 9ºA com o 9ºB resulta num total de 26 alunos inscritos à disciplina de Espanhol, sendo eles 15 raparigas e 11 rapazes. A quantidade de alunos desta turma, no que diz respeito às atitudes, dificultou um pouco as aulas leccionadas neste grupo. No entanto, não se verificou nenhuma situação grave.

Por último, em relação à turma do 11ºD, são 17 os alunos que a compõem no que diz respeito à disciplina de Espanhol, 15 raparigas e 2 rapazes.

Em suma, no total estagiámos em cinco turmas e exercemos um cargo de auxiliar da Directora de Turma. Cada uma das turmas que conhecemos é diferente das restantes. Estas diferenças foram frutíferas para que pudéssemos desafiar a nossa capacidade de trabalho e conseguíssemos resolver os eventuais problemas que surgiam ao longo das aulas.

Capítulo 3

Aulas Assistidas

Ao longo do ano lectivo 2009/2010 leccionámos nas turmas acima referidas, ou seja, nas turmas das nossas orientadoras em todos os períodos. Inicialmente descreverei e analisarei as aulas de Português nos três períodos (anexo XIII) e, por conseguinte, comentarei as aulas de Espanhol (anexo XIV).

No que diz respeito ao primeiro período, leccionámos quatro aulas de Língua Portuguesa, sendo estas no 7ºB. A primeira aula foi no dia 3 de Novembro, a segunda no dia 10 de Novembro, a terceira no dia 13 de Novembro e a última no dia 17 de Novembro de 2010.

O assunto da primeira aula foi a obra *O Cavaleiro da Dinamarca*, de Sophia de Mello Breyner Andresen. Em relação a esta obra analisámos vários aspectos. Em primeiro lugar, projectámos algumas informações sobre a autora. Estas foram dadas de forma muito simplificada, o que consideramos ter sido fundamental para captar a atenção dos alunos, assim como o interesse destes na escritora contemporânea. Em segundo lugar, procurou-se explorar o título da obra e, como tal, os alunos deveriam identificar a localização da Dinamarca num mapa. Esta actividade parece-nos muito útil para que os alunos tenham uma noção geográfica do mundo. Em terceiro lugar, foi feito um resumo da obra com imagens, o que permitiu aos alunos reavivar a pré-leitura feita em casa e também elaborar alguns comentários na aula referentes à obra. A actividade seguinte deu também a possibilidade de os alunos conhecerem geograficamente e através de imagens outros países. No final da aula foi explorada a primeira parte do texto que serviu de motivação aos alunos para o resto da obra.

A segunda aula iniciou-se com a continuação da exploração do texto da aula anterior, a qual se fez acompanhar por questões simples que permitiram a orientação da leitura. Do mesmo modo, também foi a partir deste texto que se resolveram algumas questões de funcionamento da língua, entre elas, duas questões relacionadas com os tempos do passado. Ainda nesta aula os alunos tiveram contacto com outro excerto desta obra, o qual diz respeito à época natalícia.

Na terceira aula os alunos puderam dar-se conta de algumas tradições natalícias, assim como reflectir sobre estas, as quais estão presentes na obra *O Cavaleiro da Dinamarca*. O segundo excerto do texto foi analisado nesta aula, fazendo-se também ele acompanhar por perguntas de interpretação e questões de funcionamento

da língua. Acreditamos que este tipo de análise foi bastante importante para alunos de 7º ano, uma vez que consideramos que a mera exploração oral de um texto exige o domínio de algumas competências que estes alunos ainda não adquiriram. Deste modo, com a ficha, apesar de ter sido um processo mais prolongado, os alunos puderam ouvir, compreender e anotar para não esquecer. Ainda nesta aula, os alunos aprenderam algumas orações coordenadas e subordinadas, para as quais os discentes, durante a aula, revelaram grande aptidão, pois consideramos que com o destaque feito a cada uma das conjunções os alunos conseguiram perceber sem grande dificuldade este tópico da língua.

Na última aula de Língua Portuguesa que leccionámos neste período os alunos puderam conhecer um pouco do Natal na Palestina, analisando um outro excerto da obra e, além disso, foi feita uma revisão das matérias leccionadas nas últimas aulas, a qual foi sistematizada com uma pequena ficha de avaliação. Consideramos extremamente útil esta última aula, pois pensamos que a metodologia e organização nela verificadas permitiram aos alunos rever a matéria e tirar as últimas dúvidas, ficando assim estes conteúdos apreendidos.

No segundo período leccionámos uma aula de Português, sendo esta ao 11ºB no dia 24 de Fevereiro de 2010.

O assunto desta aula no 11ºB foi o romance de Eça de Queirós, *Os Maias*. Esta aula deu início ao estudo da obra. Assim, como motivação inicial, projectámos um vídeo para que os alunos compreendam a dimensão que este romance teve e continua a ter, um romance além-fronteiras. Este vídeo conduziu à exploração do título e do subtítulo, assim como a alguns aspectos da biografia do autor. Nesta medida foram destacadas as semelhanças entre a obra e a vida do autor. Este encadeamento e o facto de todo este começo e seguimento da aula ser feito em conjunto, através de projecções, parece-nos muito importante, pois os alunos encontraram um fio condutor neste tema e puderam acompanhar todos ao mesmo tempo o assunto proposto, sem distrações, uma vez que para prender a sua atenção também lhe iam sendo feitas perguntas sobre o tema. Após conhecerem o autor e algumas curiosidades sobre a obra, passa-se a um resumo desta que entrelaça a intriga principal e a secundária. Este resumo remete para a sociedade envolvente da época e, por associação, para as características realistas presentes na obra, por oposição às características românticas já estudadas na turma. Nesta medida procurámos aproveitar os conhecimentos prévios dos alunos (sobre o romanismo) e os conteúdos que tinham apreendido durante a aula para poderem, assim,

compreender as características realistas. Após compreenderem estes pontos introdutórios ao romance, pôs-se em prática o aprendido com uma análise a um excerto sobre a Educação. Foi distribuída aos alunos uma ficha de sistematização que lhes permitiu reflectir sobre as características românticas e realistas presentes no excerto e na obra. E, para finalizar, considerámos útil a distribuição de uma ficha de trabalho que procurou sistematizar os conteúdos apreendidos. Acreditamos que com esta actividade os alunos puderam rever e repensar tudo o que foi dado na aula e consideramos também que esta seria um óptimo apoio de estudo para a prova seguinte. Desta aula, o que consideramos de maior relevo foi o encadeamento que se verificou, o qual se reflectiu na atenção e prestação positiva dos alunos.

No terceiro período leccionámos uma aula, sendo esta de Língua Portuguesa ao 7ºB no dia 4 de Maio de 2010.

O assunto desta aula foi a obra *À Beira do Lago dos Encantos*, de Maria Alberta Menéres. Inicialmente, começou por ser lido, explorado e compreendido um excerto da obra referente aos Cinco Sentidos. Este tema remeteu-nos para o poema de Almeida Garrett, *Os Cinco Sentidos*. Ainda que este poema não estivesse previsto no programa, considerámo-lo muito interessante para que pudesse ser feito um paralelismo entre o texto narrativo de Maria Alberta Menéres e este poema. Com esta actividade os alunos tiveram a possibilidade de saber o que é fazer uma comparação em Língua Portuguesa. Tendo em conta a faixa etária dos alunos, a comparação foi muito simples, baseámo-nos nos Cinco Sentidos e procurámos no texto narrativo e no texto poético as palavras que nos remetiam para cada um deles. Com este vocabulário foi feito um quadro na aula, o qual os alunos puderam copiar para uma ficha que lhes foi distribuída com esse mesmo quadro já desenhado. Acreditamos que com essa recolha de informação em ambos os textos, os alunos compreenderam a presença dos Cinco Sentidos no texto narrativo e, assim, aprenderam um conteúdo importante de forma fácil e divertida. No final da aula, os alunos puderam expandir a sua imaginação escrevendo frases alusivas a cada um dos Cinco Sentidos em papéis coloridos recortados com o formato de boca, nariz, orelhas, olhos e mãos. Esta actividade foi muito bem recebida pelos alunos e permitiu que estes repensassem o que ouviram na aula e qual a sua opinião sobre este tema. Desde o nosso ponto de vista, o aspecto mais importante a ressaltar nesta aula é o facto de os alunos terem um primeiro contacto com a literatura comparativista, ainda que de forma muito simples e superficial.

Nas disciplinas de Português e Língua Portuguesa a organização da aula foi feita através de um plano e de uma planificação. No plano, além da identificação da Escola, do ano lectivo, do nome das professoras orientadora e estagiária, do número de aulas, da data e do ano e turma, devem estar presentes os objectivos a alcançar nessa aula, os conteúdos a leccionar, as competências a adquirir, a identificação do material utilizado para a execução da aula, o registo do sumário, a articulação com a aula anterior (esta parece-nos de maior relevância para que os alunos possam lembrar o que foi dado na aula anterior e os professores que assistem à aula possam compreender o contexto em que esta se insere), o desenvolvimento da aula (neste ponto devem constar todos os “passos” dados ao longo da aula), o tempo usufruído com cada actividade, a identificação da oficina de escrita (a qual pode consistir numa ficha ou num trabalho de expressão escrita feito pelos alunos), e, a síntese da lição. Por sua vez, na planificação, além da identificação da escola, do ano lectivo, das professoras orientadora e estagiária, do número de aulas e da data, também devem estar presentes a identificação da sequência de aprendizagem onde se insere a matéria a leccionar, os objectivos gerais dos conteúdos a transmitir, os conteúdos processuais e declarativos, os materiais e recursos utilizados, a forma de avaliação na aula, e, as referências bibliográficas. Ao plano e à planificação devem estar associados os anexos que permitem aos professores assistentes acompanhar a aula e uma listagem dos alunos que compõem a turma. Além dos materiais já referidos, também considerámos interessante, por uma questão de organização, colocar uma capa no conjunto desses materiais, a qual se deve referir ao tema exposto na aula.

Após termos analisados as aulas de Português e de Língua Portuguesa, consideramos, agora, as aulas de Espanhol.

Em relação ao primeiro período, leccionámos três aulas de Espanhol, tendo sido estas ao 9.ºA e 9.ºB. A primeira aula foi no dia 23 de Setembro, a segunda foi no dia 25 de Setembro e a última foi no dia 30 de Setembro de 2010.

A primeira aula destinou-se às Acções e Usos Sociais, a uma revisão da acentuação, pontuação e ortografia e, também, a uma revisão do Presente e do Futuro. Em relação às acções e usos sociais, após ter sido feito um exercício de associação para que os alunos soubessem o que dizer em determinada situação, foram projectadas algumas imagens de situações nas quais os discentes tinham de aplicar o aprendido. No que diz respeito às regras de pontuação, os alunos deviam acentuar correctamente um texto. Após este exercício foi distribuída uma ficha informativa que permitiu

sistematizar e rever as regras aprendidas no ano anterior. Os exercícios sobre a acentuação continuaram a ser resolvidos com um texto que demonstrava alguns erros ortográficos que era necessário corrigir, além de acentuar correctamente. Neste mesmo texto foi pedido aos alunos que tomassem atenção aos tempos verbais utilizados e os identificassem. Para relembrar o estudado no ano anterior, foram dadas aos alunos duas fichas sobre o Presente e o Futuro que, depois de analisadas, permitiram que alunos cumprissem uma actividade intitulada “Dados Verbales”. Esta actividade consiste num jogo em que os alunos têm de lançar três dados que contêm verbos (1º dado), pessoas gramaticais (2º dado) e os tempos verbais revistos na aula (3º dado), depois, os alunos devem conjugar o verbo segundo o que lhes é pedido nos dados. Pensamos que esta aula motivou bastante os alunos devido ao seu carácter lúdico e didáctico. No entanto, pensamos que o encadeamento poderia estar melhor.

Relativamente à segunda aula deste período, procurámos rever os tempos verbais dados na aula anterior, os quais foram aplicados na audição de uma canção intitulada “Si tú no vuelves”. A seguir, iniciou-se o estudo dos provérbios. Esta actividade foi desenvolvida através do auxílio de tiras de cartolina. No quadro estavam provérbios em Espanhol e os mesmos provérbios, mas traduzido, em Português. Os alunos tinham de resolver um exercício de associação. Estes provérbios foram utilizados pelos alunos em frases que elaboraram no final da aula.

A última aula deste período disse respeito a algum vocabulário geral e ao ano escolar que se avizinhava. Em primeiro lugar foram coladas no quadro algumas imagens com os nomes que as identificavam e distribuídos aos alunos alguns cartões com a designação dessas mesmas imagens. Os alunos tinham de associar os cartões às imagens. Apesar de este ser simplesmente um exercício de associação, deste modo acreditamos que se tornou mais interessante para os alunos e captou, assim, a sua atenção. Em consequente, foi lido um texto que, através de uma receita gastronómica, explicava como conseguir ter um bom ano escolar. A partir deste texto foram resolvidas algumas actividades de interpretação do mesmo. Pensamos que este texto metafórico foi relevante para prender a atenção dos alunos e explicar a matéria de uma forma lúdica. Por último, os alunos tomaram conhecimento do Regulamento Estudantil.

Em relação às três primeiras aulas de Espanhol pensamos que faltou algum encadeamento próprio da inexperiência. No entanto, cremos que as actividades estiveram bastante direccionadas para prender a atenção dos alunos e esse objectivo foi

conseguido. Esta preocupação deve-se do facto de esta ser uma turma bastante extensa e um pouco complicada.

No que diz respeito ao segundo período, leccionámos três aulas de Espanhol neste período, tendo sido estas ao 8ºA. A primeira aula foi no dia 5 de Março de 2010, a segunda no dia 9 de Março de 2010 e a última no dia 12 de Março de 2010.

O assunto da primeira aula foi as Profissões. Inicialmente, projectámos a praça de uma cidade e remetemos para o uso das praças em Espanha. Deste modo foi possível fazer a ligação com a última aula, uma vez que os alunos fizeram uma visita a Mérida e viram algumas praças. Em segundo lugar foram distribuídas figuras de personagens que representam profissões e também papeis com a descrição dessas mesmas profissões. No entanto, os papeis e as figuras foram distribuídos aos alunos de forma a que o mesmo aluno não ficasse com a descrição e a figura correspondente. Depois de ler a descrição que possuía, o aluno que tivesse a figura representante dessa profissão deveria dizer o nome desta e colocar a figura no sítio certo da praça. Esta actividade permitiu captar a atenção das aulas e rever algum vocabulário que já conheciam. Uma das figuras representa um desempregado que procura emprego num jornal. Assim, projectaram-se alguns anúncios de emprego, os quais deveriam ser postos no estilo indirecto. A transformação das frases para estilo indirecto foi escrita no quadro e, assim, os alunos puderam ver no quadro as diferenças que ocorrem da passagem do estilo directo para o estilo indirecto. Estas transformações foram sistematizadas num *PowerPoint* para que os alunos pudessem compreender melhor o que é necessário mudar. Esta informação foi dada numa ficha aos alunos e também lhes foi dada uma ficha para praticar os conteúdos apreendidos. Desta aula destacaríamos como pontos mais relevantes o encadeamento ao longo de todo o percurso, começando este com a projecção da praça. Consideramos que este encadeamento captou a atenção dos alunos e os ajudou a compreender os vários pontos focados ao longo da aula.

Na segunda aula de Espanhol foi corrigida a ficha dada na aula anterior sobre o estilo indirecto, permitindo, assim, fazer a ligação com a última aula e foram projectadas mais alguns anúncios, mas desta vez com o intuito de dar como resposta a esses anúncios um currículo. Desta forma os alunos aprenderam a fazer um currículo, o que se verificou quando cada um deles elaborou o seu currículo individual para responder aos anúncios projectados.

A última aula consistiu numa continuação das anteriores, pois a mesma personagem que na primeira aula tinha o jornal com os anúncios, aparece-nos agora

numa entrevista de trabalho. A partir do texto com esta entrevista, é feita uma revisão do *Pretérito Imperfecto* e *Indefinido* (começou por ser feita a partir dos verbos do texto e foram explicados mais pormenorizadamente no quadro, uma vez que consistia apenas numa revisão) e é introduzido o estilo indirecto com os tempos no passado, o qual é sistematizado num *PowerPoint* e posto em prática numa ficha de trabalho. A ficha contém também algumas Interrogativas Indirectas que se explicaram uma vez mais com o recurso a uma projecção.

Estamos convictos que estas três aulas estiveram muito bem estruturadas, uma vez que existe um fio condutor desde a primeira aula à última. Na primeira aula, um jovem lia anúncios de empregos. Na segunda aula, foi necessário elaborar currículos para responder a esses anúncios. Na última aula, o jovem foi a uma entrevista de trabalho. Acreditamos que, ainda que a unidade do manual aprovado não seguisse esta ordem, esta organização foi mais interessante para os alunos, captando assim a sua atenção e permitindo a revisão da aula anterior, assim como a sua articulação.

Para o terceiro período preparámos três aulas, tendo sido estas para o 11ºD. A primeira foi no dia 10 de Maio, a segunda no dia 11 de Março e a última no dia 14 de Março.

A primeira aula foi a única que leccionámos, as outras duas apenas foram preparadas, uma vez que já não houve tempo para serem dadas. O assunto desta aula é o Condicional. A aula começou com a projecção de alguns diálogos, nos quais os alunos deveriam indicar o condicional e, em seguida, colar tiras de cartolina com cada uma das funções do condicional em cada um dos diálogos. A partir destes diálogos estudou-se a morfologia do Condicional, a qual se viu praticada na projecção da imagem de um bar. Esta imagem serviu de encadeamento para todas as aulas. No entanto, especificamente nesta aula foram identificadas todas as funções do Condicional nos vários diálogos da imagem e deu-se especial atenção à função de aproximação e probabilidade no passado, a qual foi praticada com o recurso a uma ficha de trabalho. No final da aula foi também distribuída uma ficha sobre a morfologia e as funções do Condicional para que os alunos em casa pudessem exercitar e rever a matéria dada na aula.

Na segunda aula preparada para esta turma, primeiramente, teria lugar a correcção da ficha de trabalho sobre o Condicional, depois projectar-se-ia novamente a imagem do bar para destacar uma figura que precisaria de conselhos. Através de uma ficha informativa e também de trabalho os alunos deveriam compreender as formas para aconselhar e dar sugestões. O tipo de exercícios presentes nesta ficha começa por ser

muito simples, onde só é necessário identificar os autores de determinados conselhos e culmina na escrita de uma carta, a qual deve aconselhar a figura que precisaria de conselhos. Desta aula parece-nos importante o tipo de exercícios desenvolvidos nas fichas de trabalho, pois estes começam por ser muito simples e aproveitam os conhecimentos prévios dos alunos, acabando por os conduzir a um exercício mais complexo mas o qual é resolvido numa sequência devida, de forma a que os alunos tenham já adquirido os conhecimentos necessários para tal.

Na última aula preparada para o 11ºD, uma vez mais, projectar-se-ia a imagem do bar e destacar-se-ia o rapaz que está a ler. Posteriormente, projectar-se-ia o romance que ele está a ler e, a partir deste texto, os alunos deveriam identificar as formas de Condicional e a função que elas cumprem, isto é, expressar uma acção futura em relação a um passado. Para melhor compreenderem este uso do Condicional, projectar-se-iam algumas frases nas quais os alunos deveriam indicar onde se verifica esta função do Condicional e, no final, os discentes teriam de elaborar um texto iniciado por “*Cuando era pequeño imaginaba que de mayor...*”, o qual exigiria o uso do Condicional. Para terminar a unidade, explorar-se-ia a última função do Condicional, isto é, expressar cortesia. Novamente, partir-se-ia da exploração da imagem do bar e focar-se-ia o rapaz que entra no bar com mau aspecto. Este dirigir-se-ia a uma farmácia e os alunos ficariam a conhecer alguns dos objectos que aí se podem encontrar. Os discentes teriam de fazer corresponder as imagens aos nomes adequados e, por último, associar as definições destes aos objectos verdadeiros. Esta actividade parece-nos bastante motivante, uma vez que não nos basearíamos apenas em imagens. Depois, seria distribuída uma ficha de trabalho sobre a função a estudar nesta aula. Esta ficha tem em primeiro lugar um diálogo entre o farmacêutico e o paciente (este seria ouvido com o auxílio de uma gravação) e, a partir desta conversa, desenvolvem-se as restantes actividades relativas à forma usada para expressar cortesia. No final da aula seria elaborada uma chuva de ideias para sistematizar o vocabulário aprendido nesta. Acreditamos que esta aula demonstra algum dinamismo e interesse por parte do professor para captar a atenção dos alunos. Tal facto manifesta-se quanto ao recurso às novas tecnologias, ao encadeamento, ao recurso aos objectos relativos à farmácia, entre outros.

Pensamos que as três aulas estiveram muito bem organizadas pois, desde a primeira aula que se pensou nas restantes para que soubéssemos o tempo a dispensar a cada actividade. As três aulas partem de um ponto em comum que é a imagem do bar

para, a partir desta, se poderem explorar todas as funções do Condicional e o conteúdo lexical desta unidade.

A organização das aulas de Espanhol foi, à semelhança das aulas de Português, feita a partir de um plano e de uma planificação. No entanto, os planos e as planificações de Português e de Espanhol diferem um pouco. Assim como nas aulas de Português, também nas de Espanhol eram colocados em anexo os materiais necessários ao plano e à planificação e, do mesmo modo, constava a listagem dos alunos da turma e a capa referente ao tema da aula. No que diz respeito ao plano, este deve conter a identificação da Escola, do nível de Espanhol, do ano lectivo, da data, da duração da aula, da data, da unidade didáctica, da turma, do número de aulas, da sala, do número de alunos, da professora orientadora e da professora estagiária, do sumário e do desenvolvimento da aula (todos os “passos” dados na aula para a exposição da matéria). Em relação à planificação, além do nome da escola, do ano lectivo, da turma e o seu nível de Espanhol, da duração e da data, devem constar os objectivos da aula; os conteúdos lexicais, funcionais, culturais e gramaticais; as actividades desenvolvidas ao longo da aula; o tempo destinado a cada actividade; os materiais utilizados; a forma de avaliação; e, as referências bibliográficas.

Em suma, ao longo deste ano lectivo pudemos aprender como deve ser organizada uma aula, o tipo de linguagem que se pode utilizar, a forma como devem ser feitas as fichas de trabalho, a postura a ter numa sala de aula, a forma como interagir com os alunos, entre muitos outros aspectos, mas sobretudo aprendemos que o trabalho será sempre contínuo.

Capítulo 4

Cargos Desempenhados

Neste ano lectivo 2009/2010 ajudámos a Directora de Turma do 11°C (Maria Celeste Alves) nos seus cargos quanto a esse estatuto.

O nosso horário semanal de Direcção de Turma era às Terças-feiras das 11.50h às 13.20h. Este horário destinava-se a desenvolver todo o trabalho que pudesse estar relacionado com a Direcção de Turma do 11°C. Assim, era nesta hora que eram atendidos os encarregados de educação que estivessem interessados em saber da vida escolar do seu educando ou, por outro lado, os encarregados solicitados a deslocarem-se à Escola a pedido da Directora de Turma. Os contactos com os encarregados de educação também eram feitos telefonicamente neste horário. Além destas actividades, as cartas com faltas ou qualquer outra informação que fosse necessário enviar aos pais e encarregados de educação, eram tratadas nesta hora. Para ter acesso às faltas dos alunos, assim como aos sumários e às classificações dos mesmos, a Escola possui um programa informático que nos facilita o trabalho, uma vez que, assim, podemos ter as informações disponíveis facilmente.

O trabalho referido acima diz respeito às actividades desenvolvidas na hora de Direcção de Turma, assim como qualquer assunto que fosse necessário tratar relativo ao 11°C. No entanto, com este cargo pudemos também compreender como são organizadas as Reuniões de Avaliação e Intercalares, assim como as Reuniões de Grupo.

Relativamente às Reuniões de Avaliação estas podem ter a organização que observamos a seguir:

1. Informações;
2. Verificação da pauta final – 3º Período;
3. Análise do aproveitamento e comportamento da turma;
4. Quadros de Valor e de Mérito;
5. Projecto Curricular de Turma: Balanço das Actividades desenvolvidas ao longo do presente ano lectivo;
6. Outros assuntos.

Estes parâmetros dizem respeito à Reunião de Avaliação do 3º período. Nesta reunião, o Conselho de Turma considerou que a turma desempenha um bom trabalho individual e global da turma, mas falta por parte de alguns alunos trabalho em casa. No entanto, os resultados gerais da turma são bons. Além disso, os professores consideram que se os alunos trabalhassem mais obteriam resultados de acordo com as suas capacidades. Deste modo, o aproveitamento global da turma foi considerado razoável com alguns alunos bons. A atitude global da turma foi considerada satisfatória, destacando-se pela positiva alguns alunos. Devido ao seu glorioso desempenho, alguns alunos serão propostos para o quadro de mérito da Escola, uma vez que têm média superior a 16 e não tem nenhuma falta injustificada.

No que diz respeito às Reuniões Intercalares, estas servem para analisar os resultados dos alunos a meio do período e podem ter a seguinte ordem de trabalhos:

1. Informações;
2. Actualização do Projecto Curricular de Turma;
3. Avaliação Intercalar;
4. Outros assuntos.

O PCT (Projecto Curricular de Turma) refere-se às actividades a desenvolver durante o ano lectivo na turma. Todas as actividades devem aí estar definidas.

Por último, as Reuniões de Grupo podem ter diversas ordens de trabalho, dependendo estas do Conselho Pedagógico, ou seja, antes de cada Reunião de Grupo, na nossa Escola é feita uma reunião com os membros do Conselho Pedagógico, na qual consta um representante de cada agrupamento (por exemplo, as letras estão todas representadas por um único elemento). Este representante, após a reunião de Conselho de Turma, fará chegar a cada representante de grupo (por exemplo, os grupos de letras são Português, Espanhol, Francês e Inglês) as informações dadas nessa reunião. Após esta comunicação, os representantes de grupo convocam uma Reunião de Grupo para transmitir aos restantes elementos do grupo as informações tratadas em Conselho de Turma. Um exemplo de ordem de trabalhos será o seguinte:

1. Informações;
2. Monitorização de situações de risco – 1º Período (Abandono escolar, saída antecipada/saída precoce);

3. Análise dos dados de disciplina/indisciplina relativos ao 1º Período;
4. Aprovação dos Referenciais para Avaliação Diagnóstica, Formativa e Sumativa;
5. Outros Assuntos.

Nestas reuniões programavam-se medidas a tomar ao longo do ano com os alunos, assim como actividades a desenvolver, entre outros assuntos.

Em suma, enquanto auxiliares da Directora de Turma do 11ºC (Dra. Maria Celeste Alves), pudemos apreender as bases necessárias para no próximo ano desempenharmos um papel semelhante. Deste modo, ficámos a conhecer a organização interna da Escola e a forma como toda a comunidade escolar é gerida, isto é, a importância da interacção entre professores, funcionários, alunos, pais e encarregados de educação.

Capítulo 5

Trabalho Elaborado ao Longo dos Períodos Lectivos

Ao longo deste ano lectivo foram várias as actividades que desenvolvemos na Escola, tanto no âmbito do Português como do Espanhol.

No que diz respeito a Português, o núcleo de estágio de Português-Espanhol organizou três actividades: a primeira actividade foi a Palestra “À Descoberta de *Os Maias*”, a segunda foi a Visita de Estudo a Sintra no âmbito do estudo do romance *Os Maias*, a última diz respeito ao Jantar temático intitulado “Jantando com Eça...”.

Em primeiro lugar, relativamente à Palestra “À Descoberta de *Os Maias*”, esta actividade concretizou-se no dia 29 de Janeiro de 2010. Este evento resultou de um convite feito ao nosso professor de Literatura da Universidade da Beira Interior, o Senhor Professor Gabriel Magalhães, para falar um pouco aos nossos alunos sobre *Os Maias*, uma vez que esta, apesar de ser uma obra que se integra no programa de 11º ano, costuma motivar pouco os alunos à sua leitura. Os intervenientes, além do Senhor Professor Gabriel Magalhães, foram também os professores de Português da Escola, o nosso núcleo de estágio (Ana Gonçalves, Cátia Coelho, Liliana Correia e Susana Paiva), todos os alunos da Escola e, em geral, toda a comunidade educativa. A avaliação feita para o Plano Anual de Actividades foi de “Muito Bom” e destacou-se pela positiva a participação emotiva e entusiástica dos alunos que colaboraram nas actividades propostas pelo Senhor Professor e também os discentes que colocaram várias perguntas ao palestrante, revelando a sua curiosidade em ler a obra. A imagem do anexo XV retratam como foi essa manhã passada no auditório da nossa Escola.

Nessa imagem podemos observar alguns dos nossos alunos que o Senhor Professor convidou para retratarem as personagens masculinas referidas em *Os Maias*. A selecção dos alunos foi feita pelo seu nome, por exemplo, em primeiro plano temos um aluno que representou a personagem Carlos da Maia. A disposição em que os alunos estavam sentados permitiu ao Senhor Professor revelar um pouco da história de *Os Maias*. Deste modo, esta foi uma palestra cheia de metáforas que captou a atenção do público presente e suscitou o interesse por este romance a todos os convidados.

A segunda actividade desenvolvida no âmbito do Português foi a Visita de Estudo a Sintra no dia 19 de Fevereiro de 2010, realizada, uma vez mais, no âmbito do estudo do romance *Os Maias*. Esta actividade teve como intervenientes as professoras de Português de 11ºano (Maria Celeste Alves, Maria José Soares e Susel Fonseca), o

nosso núcleo de estágio e os alunos de 11ºano das turmas A, B, C, D e E. Esta actividade teve a menção de “Muito Bom” para o Plano Anual de Actividades e contou com 75 alunos que concordaram no sucesso da visita. Neste passeio por Sintra visitámos o Palácio da Pena e a Quinta da Regaleira, como podemos observar no anexo XVI.

A última actividade que organizámos no âmbito da disciplina de Português foi o Jantar temático “Jantando com Eça...”, realizado no dia 25 de Março de 2010. Inicialmente, este jantar tinha sido pensado apenas para o 11ºano de ensino regular. No entanto, o interesse por este acabou por se estender a toda a comunidade educativa, estando presentes professores, alunos, funcionários e até professores aposentados. Os intervenientes nesta actividade foram as professoras de Português de 11ºano, o nosso núcleo de estágio e toda a comunidade educativa, em geral. A avaliação feita foi de “Muito Bom” e há a salientar a adesão dos professores aposentados, dos actuais docentes e alunos e também é de referir o interesse por parte de alguns dos presentes em repetir este género de evento nos próximos anos.

Para esta actividade procurou-se que todos os participantes fossem trajados à época e até mesmo representando algumas personagens de *Os Maias*. Assim, neste evento, inicialmente, foi feito um desfile de quem se vestiu a rigor. Depois, realizou-se o jantar. Em seguida, houve a entrega dos prémios para os três melhores figurinos. E, por último, realizou-se a representação de um excerto da obra *Os Maias*, interpretada pelos nossos alunos. Podemos observar as imagens que nos servem de memória no anexo XVII.

No anexo XVII podemos observar a mesa principal onde se encontra o núcleo de estágio de Português-Espanhol, as Orientadoras do nosso núcleo, a Directora da Escola, o Supervisor de estágio de Português e um colega de Espanhol. No anexo XVII também podemos ver o nosso núcleo de estágio e as nossas Orientadoras, Maria Celeste Alves (Português) e Sandra Espírito Santo (Espanhol).

Após termos observado as actividades desenvolvidas no âmbito do Português, passemos às de Espanhol.

Com o apoio da Orientadora de Espanhol, envolvemo-nos em várias actividades na nossa Escola: na organização do “Día de la Hispanidad”, nas comemorações do “Día de los Muertos”, no “Día de Reyes”, na Palestra “Spanish is different ¿no?” e nas Visitas organizadas a Mérida.

Em primeiro lugar, no que diz respeito ao “Día de la Hispanidad”, este celebra-se em toda a Espanha no dia 12 de Outubro. Na nossa escola também o celebrámos e, para tal, preocupámo-nos em mostrar um pouco da cultura de Espanha e dos Países Hispânicos. As comemorações deste dia na nossa Escola foram feitas através de cartazes elaborados pelos alunos de Espanhol (sobre as Comunidades de Espanha, os Países Hispânicos, Pessoas Famosas de nacionalidade espanhola, Prémios Nobel, Desporto e Pintura em Espanha), os quais foram afixados por toda a Escola; um concurso cultural onde participou toda a comunidade escolar, o qual tinha como objectivo colocar à prova os conhecimentos de todos sobre a cultura Espanhola, respondendo a perguntas e tendo como prémio uma flor feita por nós com as cores de Espanha, vermelho e amarelo (esta actividade contou com imensa adesão); um almoço de comida tipicamente espanhola na cantina da Escola; e, a visualização de um filme alusivo à temática da emigração para os E.U.A. No anexo XVIII podemos observar imagens que nos remetem para esta actividade.

Em segundo lugar, em relação ao “Día de los Muertos”, este comemorou-se no dia 30 de Outubro e a actividade foi desenvolvida em interdisciplinaridade com a disciplina de Inglês (Halloween) e Educação Visual. Deste modo, realizou-se um concurso de *Calaveras* (Caveiras), de *Pumpkins* (abóboras) e de Máscaras, cujos trabalhos foram elaborados pelos alunos de Espanhol e de Inglês de 7º e 8º anos. Além desta actividade, os alunos de 9º ano participaram num concurso de disfarces de zombies, vampiros e bruxas. Nas imagens do anexo XIX podemos observar como decorreu esta actividade

Em terceiro lugar, no que diz respeito ao “Día de Reyes”, este é comemorado em Espanha no dia 6 de Janeiro e, do mesmo modo, o foi na nossa escola. Neste dia, os alunos do 11º D deslocaram-se ao Lar de São José (Covilhã) para representar a peça “A Camino de Belén”. Além disso, os alunos de Espanhol elaboraram postais alusivos a esta data, os quais foram expostos numa árvore de natal na BE.

Em quarto lugar, no dia 3 de Março de 2010, convidámos à nossa Escola a Senhora Professora Iolanda Ogando para palestrar a actividade intitulada “Spain is different, ¿no?”. Esta palestra esteve aberta a toda a comunidade educativa e focou alguns estereótipos do nosso país vizinho através de imagens. Pelo carácter dinâmico da Professora, todos se mostraram muito interessados, o que se observou através dos poucos lugares disponíveis no auditório da Escola e através da imagem do anexo XX que reflecte o interesse demonstrado pelas informações da palestrante.

Por último, nos dias 26 de Fevereiro e 26 de Março de 2010 foram realizadas duas visitas de estudo a Mérida. A primeira foi organizada para o 3º ciclo e a segunda para o Ensino Secundário. Nestes dias foram visitados o *Museo de Arte Romano*, o Teatro e Anfiteatro Romano e a Basílica de Santa Eulália. Esta actividade permitiu o convívio saudável entre alunos e professores, conhecer melhor a cultura espanhola e, essencialmente, a prática da língua espanhola no seu país de origem. O desenvolvimento desta actividade pode verificar-se na imagem do anexo XXI.

Além das actividades desenvolvidas no âmbito dos núcleos de estágio de Português e de Espanhol, interessámo-nos também em saber melhor como funciona o sistema informático na Escola, isto é, o desenvolvimento das novas tecnologias nesta e, por isso, frequentámos a Sessão de Formação sobre a “Utilização Prática dos Quadros Interactivos e do software *ActivInspire*” no dia 3 de Fevereiro de 2010 (Anexo XXII).

Capítulo 6

Relatório Final de Estágio

O nosso ano de estágio realizou-se no ano lectivo de 2009/ 2010 na Escola Secundária Campos Melo. O núcleo de Português-Espanhol está constituído pelas estagiárias Ana Lúcia Viegas Gonçalves, Cátia Coelho Coelho, Liliana Filipa Pais Correia e Susana Andreia Teixeira Paiva, pela Orientadora de Português, Maria Celeste Alves, e pela Orientadora de Espanhol, Sandra Espírito Santo. O período de estágio iniciou-se a 1 de Setembro de 2009 e terminará no dia 8 de Julho de 2010.

Quando iniciámos o nosso estágio, foram-nos indicadas as turmas às quais leccionaríamos algumas aulas, foi-nos apresentada a Escola e o horário que deveríamos cumprir. Relativamente às turmas, tomámos conhecimento de que faziam parte do nosso estágio o 7ºB, o 11ºB e o 11ºC na disciplina de Português/ Língua Portuguesa e o 8ºA, 9ºA e B e 11ºD na disciplina de Espanhol. No que confere à Escola, foram-nos apresentadas as suas infra-estruturas, o modo de funcionamento (no que confere às novas tecnologias) e, além disso, assistimos à Reunião Geral de Professores que nos permitiu ter um primeiro contacto com os professores e funcionários da instituição e, também, compreender melhor a organização desta. Relativamente ao nosso horário (anexo XXIII), tomámos conhecimento de qual seria, isto é, as horas que deveríamos permanecer na Escola, as aulas a que deveríamos assistir e o horário de Direcção de Turma que deveríamos cumprir.

Ainda no início do ano tomámos conhecimento, por parte das nossas Orientadoras da Escola e do nosso Supervisor, da organização do estágio. Assim, soubemos que, além das duas cadeiras de seminário em que estamos inscritas, no âmbito do estágio, teríamos de leccionar em todos os níveis (ainda que a nossa Orientadora tivesse duas turmas no mesmo nível, como aconteceu com o 11ºano de Português, só teríamos de leccionar numa das turmas) que as nossas Orientadoras leccionavam e em todos os períodos; seria necessário exercer um cargo dentro da Escola, ou seja, auxiliar a Directora de Turma; e, deveríamos elaborar uma dissertação, a qual seria apresentada a um júri e esta teria de abordar as duas áreas onde estamos a estagiar, isto é, o Português e o Espanhol.

Ao longo do estágio têm sido feitas várias reuniões. No final de cada aula assistida (as quais poderiam ser observadas pela Orientadora, pelas colegas de estágio e pelo Supervisor ou só pela Orientadora e pelas colegas de Estágio) era feita uma reunião

para referir à estagiária avaliada os aspectos mais relevantes e os menos positivos a destacar da aula, assim como para fazer algumas sugestões. Pensamos que estas reuniões se revelaram sempre muito úteis e indispensáveis para a nossa evolução. Com estas observações pudemos corrigir os nossos erros tanto ao nível das planificações e dos planos de aula, como no que concerne ao desempenho momentâneo nas aulas. Desde o nosso ponto de vista, todas as estagiárias do nosso núcleo manifestaram uma grande evolução. No entanto, pensamos esse progresso se fez notar essencialmente na estagiária Ana Gonçalves e, tal mudança, verificou-se, principalmente do primeiro para o segundo período.

No que nos diz respeito, em primeiro lugar, em relação a Português, pensamos que desde o início as aulas estiveram a um nível elevado, talvez na qualificação de Bom – (menos), mas obviamente, estes resultados foram melhorando ao longo dos períodos, o que se verificou numa postura mais segura na aula e numa melhor concretização dos materiais indispensáveis para as aulas assistidas (planos e planificações).

Relativamente a Espanhol, pensamos que, no primeiro período a organização das aulas poderia ser melhor. No entanto, o desempenho nas mesmas foi bastante positivo, tendo em conta que se tratava de uma turma um pouco complicada e numerosa. No segundo período, acreditamos que a evolução foi notável, essencialmente quanto à organização e estrutura das aulas. Acreditamos que neste período os materiais estavam muito bons e os alunos aprenderam com facilidade a matéria dada. Por último, pensamos que no 3º período continuámos a melhorar o trabalho desenvolvido.

Desde o nosso ponto de vista, a preparação das aulas foi sempre bastante cuidada, resultando numa formulação adequada aos objectivos e actividades pretendidos; no recurso a todos os materiais possíveis e tentando ser bastante originais e adequados; e, numa tentativa de diagnosticar as eventuais ideias dos discentes nas aulas. Para a execução das aulas preocupámo-nos sempre com três factores fundamentais: o desempenho, a interacção com os alunos e a reflexão momentânea. No que diz respeito ao desempenho, nas primeiras aulas, nem sempre conseguimos cumprir a temporização, mas ao longo do ano lectivo, conseguimos controlar esse pequeno erro inicial; procurámos sempre focar os conceitos principais e nunca dar informações erróneas; tentámos sempre ser flexíveis aos comportamentos dos alunos, de forma a resolver situações imprevistas; e, utilizámos todos os meios de ensino disponíveis de forma a motivar os alunos. Em relação à interacção com os discentes, pensamos que a relação com estes foi sempre muito saudável, o que germinou no bom ambiente que se vivia na

sala de aula, permitindo também resolver facilmente qualquer dificuldade de aprendizagem. Estamos convencidos que esta interacção é também resultado da expressividade comunicativa que tentámos sempre praticar. Por último, relativamente à reflexão, acreditamos que tivemos sempre uma capacidade de análise crítica, fundamentando os nossos pontos de vista e soubemos sempre aceitar a heterocrítica e, se necessário, reformular a nossa prática pedagógica e didáctica.

Em relação às actividades desenvolvidas na Escola, estas foram sempre feitas com uma grande motivação. No entanto, destacaríamos duas que nos deram um especial prazer na sua concretização, essencialmente pela sua originalidade: “Día de la Hispanidad” e “Jantando com Eça...”.

Em suma, estamos cientes de que este estágio nos ofereceu as ferramentas essenciais para construirmos um futuro magno na nossa vida docente.

Conclusão

O trabalho desenvolvido ao longo desta dissertação tinha por objectivos principais compreender os usos dos Pretéritos Perfeito Simples e Composto em Português e Castelhana e a sua localização relativamente aos outros tempos do passado, observar a forma como estes tempos eram expostos em manuais de Línguas Maternas distintas (a Portuguesa e a Castelhana) e, por fim, reflectir sobre o trabalho de estágio desenvolvido ao longo deste ano lectivo.

No que diz respeito aos usos dos Pretéritos Perfeito Simples e Composto em Português e Castelhana, deparámo-nos com uma questão que exigiu a nossa reflexão. Com a elaboração deste trabalho, apercebemo-nos que, apesar de tanto em Português como em Castelhana existirem os dois Pretéritos, o *Pretérito Perfecto Compuesto* é muito mais utilizado em Castelhana do que em Português o é o Pretérito Perfeito Composto. Pensamos que talvez este uso mais frequente na Língua Castelhana se deva à preservação das raízes latinas, o que não acontece tão vivamente com o Pretérito Perfeito Composto, isto é, a Língua Portuguesa não preservou o auxiliar “haber” no Pretérito Perfeito Composto que remonta ao Latim, ao contrário do que aconteceu com o Castelhana que continua a usar o verbo “haber” como auxiliar no *Pretérito Perfecto Compuesto*. Desde o nosso ponto de vista, o verbo “haber” remete-nos mais para o presente do que o verbo “ter”, ou seja, pensamos que o verbo “haber” absorve mais o uso de Pretérito Perfeito Composto, o qual se inicia no passado e se prolonga até ao presente, do que o verbo “ter” que pensamos ser um verbo mais pontual, ainda que possa ser usado como auxiliar para o Pretérito Perfeito. Assim, o afastamento do auxiliar “haber” original do latim, obriga-nos a usar um verbo (“ter”) que é mais pontual e, por isso, não tão usado com esta conotação na Língua Portuguesa, uma vez que não abrange uma linha temporal tão extensa como o *Pretérito Perfecto Compuesto*, segundo o nosso ponto de vista. O verbo “ter” jamais pode ser aplicado com a conotação de “existir” como acontece com o verbo “haber”. É esta existência que nos remete para a continuidade. Pelo contrário o verbo “ter” só nos remete para um momento imediato ou de curta duração, pois transmite valores mais pontuais como “segurar”, “possuir” e “manter”. Assim, o verbo “haber” é muito mais abrangente e, por isso, é usado com o Particípio passado frequentemente em Latim e em Castelhana, formando o *Pretérito Perfecto Compuesto* que deste modo (devido ao significado do verbo “haber”) é mais

abrangente do que o Pretérito Perfeito Composto que é construído pelo verbo “ter” e o Particípio passado.

O segundo objectivo a que nos propusemos foi analisar a explicação do Pretérito Perfeito Simples e Composto em manuais de Língua Materna Portuguesa e Castelhana. Relativamente a este ponto, concluímos que a exploração destes tempos verbais é muito mais aprofundada no manual de Castelhana que tomámos como exemplo do que nos manuais de Português.

O último ponto em que nos centrámos diz respeito ao nosso estágio. Relativamente a esta questão e, relacionando com o tema analisado nesta dissertação, consideramos importante destacar algo que aprendemos ao longo deste ano e que nos fez reflectir. Todas as turmas são distintas. No entanto, os manuais adoptados são sempre os mesmos. Assim, é importante que cada professor desempenhe o seu papel e complete o manual com outros materiais de trabalho adequados aos conteúdos a transmitir e aos alunos a “atingir”.

Pensamos que num estudo futuro seria interessante observar como um utilizador cuja Língua Materna é o Português compreenderia e usufruiria dos usos dos Pretéritos Perfeitos na Língua Castelhana, sendo neste caso o Castelhana uma Língua Segunda. Do mesmo modo, seria interessante compreender como um falante cuja Língua Materna é o Castelhana compreenderia e usufruiria dos Pretéritos Perfeitos na Língua Portuguesa, sendo o Português a Língua Segunda neste caso. E, por último, seria curioso observar as dificuldades com que cada utilizador se depararia.

Bibliografia

- σ NEGREIROS, Almada, *Nome de Guerra*, Lisboa, Biblioteca Clássica Verbo, 1971;
- σ CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 2002;
- σ ALONSO, César Hernández, *Gramática Funcional del Español*, Madrid, Editorial Gredos, 1996;
- σ MORENO, Concha *et alli*, *Engramática Ejercicios de Español*, Porto, Porto Editora, 2009;
- σ PINTO, Elisa e BAPTISTA, Vera, *Plural 7.º*, Lisboa, Lisboa Editora, 2009;
- σ AMOR, Emília, *Didáctica do Português Fundamentos e Metodologia*, Lisboa, Texto Editora, 2004;
- σ LLORACH, Emilio Alarcos, *Estudios de Gramática Funcional del Español*, Madrid, Editorial Gredos, 1980;
- σ BOSQUE, Ignacio e DEMONTE, Violeta, *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid, Real Academia Española, 2000;
- σ COSTA, J. Almeida e MELO, A. Sampaio e, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 2002;
- σ TORMENTA, José Rafael, *Manuais Escolares*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1996;

- σ SANTOS, Juan Felipe García, *Sintaxis del Español Nivel de perfeccionismo*, Salamanca, Universidad de Salamanca y Santillana, 2004;
- σ CUADRADO, Juan Gutiérrez *et alli*, *Diccionario Salamanca de la Lengua Española*, Madrid, Santillana (Universidad de Salamanca), 2002;
- σ ARRUDA, Lúgia, *Gramática de Português para Estrangeiros*, Porto, Porto Editora, 2000;
- σ ANÇÃ, Maria Helena, *A Expressão do Tempo e do Aspecto. Ensino/Aprendizagem do Português, Língua Materna*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 1990;
- σ CAMPOS, Maria Henriqueta, *Tempo, Aspecto e Modalidade, Estudos de Linguística Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 1997;
- σ MATEUS, Maria Helena Mira *et alli*, *Gramática da Língua Portuguesa Revista e Aumentada*, Lisboa, Editora Caminho, 1989;
- σ LOBO, Maria Leonor, *Revista Comemorativa Escola Secundária Campos Melo - 125 anos ao Serviço da Educação*, 2009;
- σ VILELA, Mário, *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra, Livraria Almedina, 1999;
- σ MORCHÓN, Ricardo e FORTALEZA, Ana, *Lengua Castellana y Literatura*, Madrid, Oxford Educación, 2007;
- σ EDÍPICA, Tertúlia, *Dicionário de Sinónimos*, Porto, Porto Editora, 1997.

Webgrafia

- σ <http://www.algosobre.com.br/gramatica/verbo-preterito.html> (17.02.2010)
- σ <http://w3.ufsm.br/revistaideias/Artigos%20em%20PDF%20GEL/Um%20Estudo%20do%20Estruturalismo.pdf> (19.02.2010)
- σ http://www.apgeologos.pt/ensino_bas_sec/analise2.htm (19.02.2010)
- σ <http://webpages.ull.es/users/apice/pdf/345-067.pdf> (19.02.2010)
- σ http://pt.wikibooks.org/wiki/Latim/Verbos/Pret%C3%A9rito_Perfeito_do_Indicativo_Ativo (03.03.2010)
- σ <http://aprenderespanholesfacil.spaces.live.com/blog/cns!458DBFE672F45FA3!470.entry> (03.03.2010)
- σ <http://ead1.unifacs.br:8090/biblioteca/biblioteca-digital/letras/avaliacao-de-producao-de-materiais-didaticos/analise-de-um-livro-didatico-em-lingua-portuguesa> (23.03.2010)
- σ <http://www.esec-campos-melo.rcts.pt/> (01.06.2010)

ANEXOS